

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE O
USO DAS MÍDIAS EM SALA DE AULA: ALGUMAS REFLEXÕES**

LEONARDO RIBELATTO LEPRE

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE O
USO DAS MÍDIAS EM SALA DE AULA: ALGUMAS REFLEXÕES**

LEONARDO RIBELATTO LEPRE

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente

Orientador:
Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz

370
L599p

Lepre, Leonardo Ribelatto

Percepções dos professores de um curso de pedagogia sobre o uso das mídias em sala de aula: Algumas reflexões.\ Leonardo Ribelatto Lepre. – Presidente Prudente, 2015.

81 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista – Unoeste: Presidente Prudente – SP, 2015.

Bibliografia.

Orientador: Adriano Rodrigues Ruiz

1. Educomunicação. 2. Mídia e Educação. 3. Educação e Comunicação. I. Título.

Catálogo na fonte: Jakeline Margaret de Queiroz Ortega – CRB 8/6246

LEONARDO RIBELATTO LEPRE

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UM CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE O
USO DAS MÍDIAS EM SALA DE AULA: ALGUMAS REFLEXÕES**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 06 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof^a. Dr^a. Claudia Maria de Lima
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof^a. Dr^a. Adriana Aparecida de Lima Terçariol
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Aos meus pais, Luis Carlos e Luciana,
que sempre reconheceram e estimularam
os estudos, e nunca mediram esforços
para realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, por tudo.

Ao Professor Doutor Adriano Rodrigues Ruiz, pela dedicação, serenidade e paciência durante esta caminhada.

À minha família, pelo apoio e carinho sempre.

À minha esposa Thais, presente em todos os momentos.

Aos professores e amigos do Programa de Mestrado em Educação da Unoeste, pelas ricas contribuições no trabalho.

À Ina, por estar sempre disposta a ajudar.

À CAPES pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram de alguma forma para que o objetivo deste trabalho fosse atingido.

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

RESUMO

Percepções dos professores de um curso de pedagogia sobre o uso das mídias em sala de aula: Algumas reflexões

Considerando-se que para o desenvolvimento da educação é fundamental a comunicação, o contexto e a cultura, este trabalho aborda a interdependência dos sujeitos envolvidos nesta relação. Entender essas relações para que possam formar-se sujeitos emancipados é fundamental, pois, dessa forma, a sociedade, a escola e os processos educativos serão beneficiados. Nessa perspectiva, esta dissertação visa refletir acerca do uso das mídias e da relação entre Comunicação e Educação na visão dos docentes do Ensino Superior, neste caso específico, no curso de Pedagogia de uma Universidade privada do interior do estado de São Paulo. Ao analisar a mídia aliada à educação, não se pode tomar sentidos maniqueístas, mas considerar o desvelamento dos níveis de linguagem, a problematização dos meios na cultura e as transformações que elas podem provocar na subjetividade e no funcionamento da cultura, uma vez que contribui para a construção de sentidos tanto sobre a performance individual e coletiva quanto sobre a realidade sociocultural. A metodologia utilizada neste estudo teve abordagem qualitativa, com opção pelo estudo de caso e utilização de entrevistas. Os resultados mostraram as mídias e a comunicação presentes no desenvolvimento das atividades docentes dos sujeitos investigados, no entanto, com fortes características tecnológicas e pouco humanizadoras. Também ficou clara a possibilidade do relacionamento da comunicação com a educação, entretanto, com exigências na formação deste profissional, para que possa entender e desenvolver a educomunicação de modo que ela assuma o seu potencial emancipador.

Palavras-chave: Educomunicação. Mídia e Educação. Educação e Comunicação.

ABSTRACT

Communication and education: initial reflections on the convergence of these fields in teacher training

This work justifies itself by the interdependence of those involved in the relationship, for the development of education communication and culture are fundamental. Understand these relationships are fundamental to form emancipated subjects this way society, school and the educative processes will be benefited. The aim of this work is to have access so that is possible to reflect on the image of media and the relation between Communication and Education for professors of an university, in this case, one faculty of education of an private institution of São Paulo State. When thinking media allied to education we can not take Manichaeian way, but consider unveiling of language levels, the questioning of media in the culture and the transformation those could promote in the subjectivity and culture structure, since they contribute to build meaning in the individual performance as the collective and social culture reality. The methodology used in this study was qualitative approach, with option for case study and use of interviews. The results showed the media and communication in the development of the present teaching activities of the investigated subjects, however, with strong technological characteristics and less humanizing. It also became clear the possibility of the relationship between communication and education, though is necessary training and professional development so those can understand and develop the educational-communication with emancipatory potential.

Keywords: Educommunication. Media and Education. Education and Communication.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Percepção de possíveis relações entre comunicação midiática e educação	50
QUADRO 2 - Tentativas de desenvolvimento de uma relação entre comunicação e educação	53
QUADRO 3 - Percepções em relação a possíveis alternativas	57
QUADRO 4 - A relação entre o docente e a mídia	61
QUADRO 5 - Observações sobre a relação entre a mídia e a prática docente	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Os caminhos do pesquisador	11
1.2	Sobre a pesquisa	14
2	EDUCAÇÃO: CONCEITOS, ESTADO ATUAL, COBRANÇAS E DESAFIOS	19
2.1	Comunicação e Educação: a importância desta relação para a cultura Escolar	25
2.2	O encontro da Educação com a Comunicação: Educomunicação	31
2.3	Educomunicação e a Formação do Pedagogo	37
3	PERCURSO METODOLÓGICO	43
3.1	Características do estudo	43
3.2	O Universo da Pesquisa	45
3.3	Procedimento de Coleta de Dados	46
3.4	Tratamento dos Dados	47
3.5	Análise dos Dados	47
3.6	Categorias de análise	49
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	50
4.1	Importância da relação entre comunicação e educação para a cultura escolar	50
4.2	Tentativas de desenvolvimento da relação educação e comunicação	53
4.3	Alternativas oferecidas pela educomunicação	57
4.4	Relação entre o docente e a mídia	61
4.5	Relação entre a mídia e a prática docente	64
4.6	Buscando uma conclusão da análise	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	75
	APÊNDICES	78
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	79
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS PROFESSORES	81

1 INTRODUÇÃO

Esta introdução inicia-se com o relato do percurso do pesquisador e suas implicações na escolha do tema abordado. Na sequência, são apresentadas as justificativas acerca da relevância do problema proposto e as opções metodológicas escolhidas.

1.1 Os caminhos do pesquisador

O princípio da minha carreira na docência foi marcado por uma história distinta da que se imagina ser a da maioria dos professores, o que me recordo quando penso na escolha da minha profissão e na época em que ela aconteceu, surgem em minha mente relações com a área da comunicação, no caso, a publicidade que é a minha formação inicial. Apesar de aparentemente desconexa, a educação e a pesquisa científica irão acontecer na minha vida justamente em razão de minha paixão pela comunicação.

No início: o sonhado ingresso no curso superior, como todos os outros discentes daquele curso de Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda, meu objetivo era ter uma carreira astronômica dentro do suposto “mágico” mercado da publicidade; ser escolhido por alguma agência renomada em São Paulo e ter meu trabalho reconhecido em todo o mundo. E foi desta forma que passei todo meu primeiro ano de estudos na faculdade, estudando e perseguindo este objetivo, o que me fez tomar algumas decisões já no primeiro termo. Decisões essas que iriam mudar o destino da minha carreira.

Neste tempo inicial, tive oportunidade de desenvolver a leitura de todo tipo de livro sobre a carreira, a liderança, o empreendedorismo e a publicidade: minha paixão. Como fruto de todas essas leituras, mudei o meu comportamento, passando a fazer listas de leitura com metas, a desenvolver cursos extracurriculares que ocupariam todas as horas do meu dia e a realizar estágio não-remunerado nos laboratórios da faculdade. Mesmo com tanta ansiedade presente e estafado com todo o trabalho, já observava os resultados, vindos dos comentários entre os professores, colegas e também refletidos no próprio produto da minha profissão: a comunicação.

Também no primeiro ano do curso de Comunicação Social, além da capacitação por meio das leituras e outros métodos, juntamente com um amigo, iniciei o desenvolvimento de uma plataforma *on-line* de informações e um blog sobre publicidade, com textos produzidos e publicados diariamente. É evidente que naquele momento não tinha a mínima percepção da realidade acadêmica da docência e da pesquisa científica que esta experiência me proporcionaria, uma vez que eu já estava desenvolvendo a pesquisa e a escrita, de maneira informal, pois era necessária muita pesquisa para o desenvolvimento dos artigos diários de um assunto demasiadamente debatido como a publicidade, em que tudo se torna obsoleto em instantes.

Com o início do segundo ano da faculdade, uma nova realidade estava se apresentando, com novas matérias, novos professores, estágio em andamento em uma agência, entre outras novidades. Também iniciei o ano letivo com nova lista de livros, novas metas de desenvolvimento pessoal e um novo projeto para compor meu dia: a iniciação científica. Nesse segundo ano, recebi a proposta de um professor para desenvolver pesquisa sobre o mercado de luxo em Presidente Prudente – São Paulo. Lembro-me de que fui o único a aceitar a proposta em uma sala com mais de sessenta alunos. Fiquei preocupado, já que possuía minhas metas pessoais e, aparentemente, seria um trabalho árduo, tendo em vista que a primeira pesquisa seria buscar informações a respeito da pesquisa científica, visto a minha falta de conhecimento sobre o assunto. Com isso, veio todo o trabalho de desenvolvimento do projeto, adequação às normas e cadastro no departamento da faculdade.

No decorrer do referido ano, muitas mudanças aconteceriam: além do novo projeto de iniciação científica, também conheceria a disciplina e a professora de Semiótica que, apesar de não ter relação direta com a pesquisa nessa época, foi quem me ajudou para o seu desenvolvimento e proporcionou, de certa forma, minha iniciação no universo da pesquisa científica e da academia.

A disciplina e a docente de semiótica guiaram-me por um mundo novo que me causaria um grande conflito profissional. Próximo ao fim do quarto termo da graduação, encontrei-me obrigado a parar e olhar minha vida de outro ponto de vista, como se não fizesse parte dela; a fim de perceber que a rotina intensa de trabalho e estudos, além das metas estipuladas por mim mesmo para alcançar a

excelência profissional, em vez de me guiarem a um ponto alto da geografia dos negócios, iriam me frustrar.

A frustração de observar minha carreira e perceber que não era mais tão apaixonado pelo mundo místico e mágico dos negócios, levou-me a questionar por que tanta ansiedade, já que esse sucesso tinha uma razão de existir muito clara: a repetição e a mesmice descabida.

Apesar de dinâmico, o mercado da comunicação e publicidade é como qualquer negócio cujo objetivo é obter rendimentos financeiros. Portanto, fórmulas repetidas frequentemente tornam-se necessárias para o desenvolvimento deste tipo de ação e também são estas, das quais eu não gostaria de ser obrigado a desenvolver porque, a meu ver, na época, pareciam vazias e sem razão de existir.

Nesse momento, a carreira acadêmica da docência e pesquisa científica se desvelavam como realidades mais atraentes e promissoras, já que a iniciação científica em convergência com meus conhecimentos iniciais da semiótica mostrar-me-iam novas realidades, com o olhar voltado para a academia.

A busca por conhecimentos acadêmicos me motivou a procurar alternativas para o que poderia ser desenvolvido como carreira, surgindo, assim, a possibilidade de realizar o mestrado.

No terceiro ano da faculdade e seguido pelo quarto e último ano, minha carreira tinha outro direcionamento, que contemplava como objetivos o mestrado e a docência em cursos de marketing ou publicidade. Utilizava meu tempo para o desenvolvimento do projeto de iniciação científica e a pesquisa de possibilidades dentro do mundo científico, participando de encontros científicos e de eventos relacionados à minha área de atuação promovidos pela universidade. Também dedicava meu tempo à busca de possibilidades na docência, encontrando o Centro Paula Souza, que seria uma possibilidade de trabalhar no meio acadêmico sem o requisito da titulação de mestrado.

No final de 2010, já formado, tive a grata oportunidade de estar com o tema e um pré-projeto de mestrado estruturado para concorrer, em 2011, ao ingresso no programa de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado da Unesp e da Unoeste.

O ano de 2011 se iniciou com mudanças, além da obtenção do título de bacharel, participei de um concurso público para docente no curso de Marketing do

Centro Paula Souza e obtive sucesso, dando assim o primeiro passo em direção aos meus objetivos. No mesmo ano, pelo Centro Paula Souza, ingressei no programa de licenciatura para me tornar licenciado em Comunicação Social.

Ao final de 2012, ingressei no mestrado em Educação da Unoeste, que permitiu a contemplação do objetivo relacionado à pesquisa, resultado da minha necessidade de atualização, inovação e conhecimento.

1.2 Sobre a pesquisa

“Há um consenso entre autores e pesquisadores da atualidade sobre o papel da mídia como formadora das identidades e como poder determinante dos comportamentos e atitudes dos cidadãos em suas vidas públicas e privadas” (GOIDANICH, 2002, p. 74). As palavras de Goidanich nos remetem à realidade da sociedade atual, na qual as mídias estão presentes e interferem tanto na formação de identidade individual, quanto coletiva, como reguladoras de condutas e atitudes. E isso ocorre diariamente, desde o momento em que acordamos e nos sentamos à mesa para ler o jornal ou assistir às notícias da TV, seja no trabalho, aos nos depararmos com as notícias da internet seja nos momentos de lazer, quando ouvimos rádio.

A mídia está presente em todos os momentos, sua forma de interação ocorre de maneiras diferentes, apresentando níveis diversos de compreensão. Ao pensarmos a mídia aliada à Educação, não podemos tomar sentidos maniqueístas, mas devemos considerar que o desvelamento dos níveis de linguagem, a problematização dos meios na cultura e as transformações que elas podem provocar na subjetividade e no funcionamento desta cultura devem ser levados em conta, pois contribuem para a construção de sentidos tanto sobre a performance individual e coletiva na realidade sociocultural, quanto sobre as representações dos sujeitos a respeito da própria dinâmica social e cultural. Podemos, até mesmo, pensar na mídia enquanto mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2000).

Ao colocarmos a problemática na ação da mídia na cultura e nas consequências decorrentes desta ação no funcionamento cultural e nos sujeitos envolvidos neste processo, teremos como contribuição a tentativa de discernimento para diferenciar os papéis da comunicação e educação, promovendo, para tanto, uma avaliação em prol da cidadania e da autonomia dos sujeitos envolvidos no

processo educacional. Essa abordagem da mídia pode nos conduzir a um questionamento sobre a imposição a que somos submetidos, desde os anos escolares iniciais, entendendo as partes em detrimento do todo.

Sendo assim, um investimento mais assertivo em uma construção conjunta e concatenada, visualizando o processo educacional como um conjunto de ações, momentos e situações em que a mídia faz parte e encontra-se integrada, possivelmente, contribuirá para afastar uma edição do olhar, pois a contextualização e o entendimento dos signos em consonância com a cultura foram eixos norteadores deste trabalho.

Partindo do pressuposto de que o pensamento se constrói por meio da comunicação, em que as partes conversam e a partir da troca de ideias e informações se constrói conhecimento, é possível entendermos que: a formação de cidadãos críticos depende de uma mudança de postura em sala de aula, na qual o processo de comunicação necessita ter como princípio fundador a interação de todas as partes na cultura. Portanto, a intenção é que os alunos sejam autônomos e sintam-se preparados para expor sua opinião e agir, em vez de aceitar tudo passivamente.

A justificativa deste trabalho reside na interdependência dos sujeitos envolvidos nesta relação, em que, para o desenvolvimento da educação, é fundamental a comunicação e como contexto a cultura. Entender estas relações para a formação de sujeitos emancipados é fundamental. Dessa forma a sociedade, a escola e os processos educativos serão beneficiados.

Considerando que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1985, p. 46). Neste sentido, a comunicação é essencial tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na formação de cidadãos com voz ativa.

Esta mudança de olhar em direção às práticas pedagógicas é um grande desafio, na medida em que se torna necessário revisar alguns posicionamentos diante da mídia e de seu papel na Educação. Talvez o desafio seja procurar o olhar de conjunto, interligado e estabelecer diálogo com as várias instâncias socioculturais. O diálogo e a interação são partes essenciais e vitais ao entendimento e à percepção sociocultural do sujeito, individualmente e na coletividade. O saber escolar e o saber midiático, juntos, como integrantes da

cultura, possibilitam verificar uma nova lógica de funcionamento da cultura. Segundo Jacquinot (apud SOARES, 2005, p. 6),

[...] muitos fatores opõem de fato à escola tradicional, e o sistema de meios, em seus papéis concorrentes da transmissão da cultura e da formação dos sujeitos individuais e sociais:

- Um é voltado para o passado (o patrimônio), os outros só interessam pela atualidade;
- Um repousa sobre a lógica da razão, os outros sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional;
- Um constrói-se na durabilidade, os outros na efemeridade;
- Um procura formar os cidadãos, os outros os consumidores.

Como aliar estes interesses na superação das diferenças? Uma das possibilidades de resposta talvez venha pela reflexão mais abrangente e menos maniqueísta acerca das mídias em cursos de formação de professores, encarregados da formação inicial de cidadãos: os pedagogos.

Diante desta situação, emerge a necessidade de adentrar pelos cursos de ensino superior a fim de investigar como é a dinâmica da formação destes profissionais e, sobretudo, compreender a representação que eles têm sobre a mídia e sua relação de convergência com a escola, para que, a partir daí, possamos pensar em possibilidades de reflexão acerca da formação de professores em relação às mídias neste processo entre Comunicação e Educação.

De acordo com Soares (2011, p. 7), a relação entre mídia e escola pode suscitar diferentes posições:

- Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola e ignoram a diversidade das realidades sociais e culturais;
- Ou bem introduzem os meios na escola e servem-se deles para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se, contudo, que trabalhar sobre os meios e suas mensagens.
- Ou bem ainda, criam cursos especializados de “educação para os meios”, sem que nada mude no conjunto das outras práticas escolares.

Ou ainda, segundo este autor, utilizando-se das ideias de Jacquinot (apud SOARES, 2011, p. 7-8) existe um quarto caminho:

[...] a educomunicação, que se caracteriza como sendo uma via, mais exigente tanto para alunos quanto para mestres, mas a única possível no contexto da sociedade de amanhã, tendo em vista que o educador aproxima a escola da comunicação, a partir de uma perspectiva cidadã.

Concordamos que a educomunicação apresenta alternativa para se pensar a convergência entre Comunicação e Educação, pois possibilita aliar um conjunto de iniciativas dos movimentos populares no Brasil e na América Latina, da Educação não formal e, em especial, de vários setores da sociedade interessados em superar práticas pedagógicas e posicionamentos tecnicistas e operacionais herdados do período ditatorial brasileiro. Pode ser considerada uma tentativa de se rever modelos tanto na escola quanto na sociedade, buscando uma sociedade mais democrática e, para isso, a Comunicação, por meio das mídias teria importante papel transformador.

A educomunicação não se restringe a pensar os meios em contato com a escola e nem a leitura crítica destes meios, engloba tudo isso, mas torna-se mais arrojada por propor uma nova dinâmica para as práticas escolares e relações didáticas quando traz a ideia dos “ambientes educacionais” (SOARES, 2011).

É algo realmente inovador, e o importante é observar que não surge artificialmente para a Educação, não é resultado de imposições, mas, pelo contrário, é resultado de uma movimentação da cultura latinoamericana em busca da democracia e de uma nova ordem sociocultural em que o sujeito escolar tenha acesso às noções de autonomia e protagonismo.

A educomunicação apresenta como característica a interação com os alunos – promovendo a autonomia e proporcionando um espaço para discussão das informações obtidas por meio da mídia –, e a construção de conhecimento coletivo.

Com isso, pretendemos suscitar reflexões acerca da convergência entre Comunicação e Educação, com base no novo campo da educomunicação que parece nos oferecer oportunidade de se pensar estas relações entre campos, ofertando, até mesmo, mais uma possibilidade de mudança nas práticas escolares no sentido sempre interdisciplinar, interativo e comunicativo.

A presente dissertação busca fazer o alinhamento e entender o processo da comunicação na educação, já que a utilizamos todos os dias, mesmo sem o conhecimento teórico e a formação necessária. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é refletir acerca da utilização das mídias na sala de aula por docentes do Ensino Superior, neste caso específico, o curso de Pedagogia de uma Universidade privada do interior do estado de São Paulo. E, como objetivos específicos, este trabalho pretende:

- Investigar a importância para a cultura escolar da relação entre os campos da Comunicação e da Educação;
- Resgatar as principais tentativas desta relação da Educação com a Comunicação;
- Analisar alternativas oferecidas pela educomunicação;
- Identificar a relação do docente com as mídias;
- Analisar a relação existente entre a mídia e a prática docente.

Para desenvolver a pesquisa, a metodologia escolhida foi a abordagem qualitativa, tendo o estudo de caso como método condutor, a entrevista como instrumento de coleta das manifestações dos professores e, para interpretação dos dados, recorreremos à análise de conteúdo.

A dissertação está estruturada em cinco seções, além desta introdução que é a primeira.

Na segunda seção, denominada “Educação: conceitos, estado atual, cobranças e desafios”, foi construída uma abordagem teórica sobre o campo da comunicação e educação. Desse modo, apresenta esses construtos e como eles interagem na constituição da cultura escolar, com o intuito de explicitar a relação do docente com a mídia, salientando que a mídia tem presença quase mística na percepção do docente.

Na sequência, aborda-se o percurso metodológico, contemplando a metodologia, o universo da pesquisa, os métodos de coleta, de tratamento e a análise de dados, finalizando com as categorias de análise.

A análise e a discussão dos dados são abordadas na quarta seção, e apontaram que teoria e realidade estão afinadas, apresentando o panorama atual da relação entre docentes e mídia e de que forma a mídia se comporta entre os sujeitos desta pesquisa.

Ao término, nas Considerações Finais, destaca-se que a questão norteadora desta investigação foi respondida, assim como os objetivos foram atingidos.

2 EDUCAÇÃO: CONCEITOS, ESTADO ATUAL, COBRANÇAS E DESAFIOS

Educação é um assunto muito comentado neste início de século, tanto pelas organizações públicas e privadas, quanto pela sociedade em geral. No entanto, ao pensarmos educação, o entendimento desse termo pode ficar preso à imagem dos prédios escolares e aos sujeitos (professores) que simbolicamente o representam ou então à ideia de pessoas éticas, respeitadas e passivas dentro do convívio social. Nesta era da informação, falar de educação exige cuidados especiais, pois desarranjos conceituais podem levar a pensá-la de uma maneira maniqueísta, tendo em vista que é um termo amplo devendo ser explorado com cuidado, em razão de suas múltiplas interpretações e entendimentos.

Nesta pesquisa entendemos a educação como ciência libertadora, que faz parte da vida dos sujeitos desde o momento em que acordam até a hora em que se deitam, que vive a vida com o sujeito que aprende e não está limitada às quatro paredes do ambiente escolar. Ela está alinhada e envolvida em uma rede de conhecimentos muito maior, com diversos entroncamentos, em que a teia sempre aumentada, multiplica-se, como podemos observar no texto de Gadotti (2000, p. 8):

Não há tempo e espaço próprios para a aprendizagem. Como ele está todo o tempo em todo lugar, o espaço da aprendizagem é aqui - em qualquer lugar - e o tempo de aprender é hoje e sempre. A sociedade do conhecimento se traduz por redes, "teias" (Ivan Illich), "árvores do conhecimento" (Humberto Maturana), sem hierarquias, em unidades dinâmicas e criativas, favorecendo a conectividade, o intercâmbio, consultas entre instituições e pessoas, articulação, contatos e vínculos, interatividade.

Esta rede de conhecimentos ou informação na qual se desenvolve a aprendizagem reflete grande parte das características da educação, pois ela evidencia a grandeza e a complexidade do conceito de educação nesta era, em que as percepções dos educadores em relação às suas representações como agentes que interferem nesse processo educacional não são mais as de construtores únicos, portadores ou transmissores de informação.

Pensar nesta ótica, torna-se relevante do ponto de vista prático, uma vez que o conceito errado de educação leva à prática mencionada anteriormente, em que o educador e a escola são representantes simbólicos do processo educacional, e esse processo tem início e fim neles próprios: a escola e o professor. Observar o conceito de educação deste ponto mais amplo, como uma rede, permite-

nos ter a perspectiva ampliada em relação ao momento atual da educação e os desafios que ela proporciona, considerando que “a educação é essencialmente uma prática social presente em diferentes espaços e momentos da produção da vida social” (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Na mesma linha de raciocínio, é possível observar a educação como ação, que interage com a sociedade já formada, como é citado por Calleja (2008, p. 109):

A educação é ação que desenvolvemos sobre as pessoas que formam a sociedade, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com seu cotidiano, para atuar consequentemente a partir do processo educativo assimilado.

A importância de se considerar a ligação com o cotidiano traz, novamente, a rede presente no processo educativo, na qual a eficiência e a eficácia na formação de valores sobre os conteúdos têm em seu fim a necessidade de ligação com a realidade mais palpável descrita ali como cotidiano. Esse que nos permite colocar a educação em um lugar em que sua importância não tem mais limitações geográficas ou temporais, mais sim um conceito de educação contínua, onipresente e dinâmica que se adapta às realidades sociais, intelectuais e físicas de cada sujeito envolvido e atua como formadora da sociedade, já que, estando presente em todos os momentos e espaços da vida social, ela ajuda a formá-lo (DOURADO; OLIVEIRA, 2009).

Dito isso, é possível notar que a educação do início dos anos dois mil é tão dinâmica quanto o próprio tempo em que ela está situada. Esta dinamicidade, com seus movimentos, provoca a mudança e a evolução dos processos educacionais, gerando novas demandas que podem causar ansiedades, incertezas e medos em seus integrantes. Isso tudo, porque é possível compreender e aprender com base na experiência; grande parte desses movimentos são os próprios geradores dos processos educacionais e, portanto, a própria educação, como menciona Moraes (1996, p. 59):

Isto porque compreendemos que o grande problema da Educação está no modelo da ciência, que prevalece num certo momento histórico, nas teorias de aprendizagem que o fundamentam e que influenciam a prática pedagógica. Acreditamos na existência de um diálogo interativo entre o modelo da ciência, as teorias de aprendizagem utilizadas e as atividades

pedagógicas desenvolvidas. Na prática do professor, encontram-se subjacentes modelos de educação e de escola fundamentados em determinadas teorias do conhecimento. Ao mesmo tempo que a educação é influenciada pelo paradigma da ciência, aquela também o determina. O modelo da ciência que explica a nossa relação com a natureza, com a própria vida, esclarece, também, a maneira como apreendemos e compreendemos o mundo, mostrando que o indivíduo ensina e constrói o conhecimento, a partir de como compreende a realização desses processos. (MORAES, 1996, p. 59).

Os processos que dão significado para a educação mudaram, não correspondendo ao que eram no passado. No entanto, a compreensão desta mudança pode levar à confusão, tendo em vista que aqueles fatores que construíam e davam significação à educação não correspondem mais ao ambiente estável e estéril das organizações escolares.

Em um dado momento histórico, tínhamos algumas teorias fechadas que, com segurança e firmeza, eram ensinadas, ocupando lugar de destaque na formação de muitas gerações. Com os olhares voltados para o momento atual da educação, essa visão focada da educação não tem mais significação, já que as demandas não estão mais restritas a alguns momentos ou assuntos e sim a uma interligação de todos esses sujeitos e suas teorias, ao desenvolvimento da relação da tríade “ciência, teoria de aprendizagem e prática pedagógica”, em que só a base teórica do assunto a ser ensinado não é a única determinante da prática pedagógica. Com isso, o estudo das teorias de aprendizagem torna a visão obtusa e permite traçar relações profundas de significado e de ligação com a vida cotidiana.

Nas últimas duas décadas do século XX assistiu-se a grandes mudanças tanto no campo sócio-econômico e político quanto no da cultura, da ciência e da tecnologia. Ocorreram grandes movimentos sociais, como aqueles no leste europeu, no final dos anos 80, culminando com a queda do Muro de Berlim. Ainda não se tem idéia clara do que deverá representar, para todos nós, a globalização capitalista da economia, das comunicações e da cultura. As transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da era da informação. (GADOTTI, 2000, p. 3).

Não é simples precisar o momento da educação no Brasil ou no mundo, mas é possível observar com maior clareza a presença de um emaranhado de informações, cada qual com sua relevância específica dentro do processo de desenvolvimento da educação para cada sujeito envolvido. A era da informação, como mencionado por Gadotti (2000), é uma era de possibilidades em que a educação pode apresentar evoluções significativas em relação a outras eras, já que

é fruto da globalização em diversos campos, sobretudo no da tecnologia e da comunicação, abrindo uma porta sem precedentes para o grande intercâmbio de informações que está alterando nossa cultura, nossos hábitos e nossos processos educacionais.

Nessa perspectiva, Moraes (1996, p. 62) assinala que:

Este novo paradigma científico nos traz a percepção de mundo holística, a visão de contexto global, a compreensão sistêmica que enfatiza o todo em vez das partes. É uma visão ecológica que reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Através desta percepção ecológica, podemos reconhecer a existência de uma consciência da unidade da vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações, seus ciclos de mudanças e transformações. Enfatiza a consciência do estado de inter-relação e a interdependência essencial de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais, culturais. E, desta forma, também os educacionais, transcendendo fronteiras disciplinares e conceituais.

A interdependência de diversos fatores das realidades é uma observação importante para a educação da nossa época, já que somos fruto de uma sociedade em processo de globalização, em que a vida não se limita à sua própria ou a do seu vizinho, mas a uma realidade de interação social muito mais ampla em relação às comunicações. Educar não está mais limitado à transferência de conteúdos, mas ao que venha realmente significar a construção de conhecimento, que é a possibilidade de criar relações amplas entre assuntos talvez restritos, ou seja, observar dois temas opostos ou alheios de maneira integrada.

Se colocarmos os processos interativos da internet em pauta, notaremos que eles já não são desconexos, pois as próprias pessoas que interagem em determinadas plataformas fazem ligações, talvez ilógicas, mas em seu fim se tornam uniões interessantes para produção de pensamentos amplos. A educação, segundo Moraes (1996), é tão dinâmica quanto essa relação do que poderíamos chamar *hiperlinks*, em que o texto que compõe esse aprendizado não termina em si mesmo mas tem relações sem fim.

Neste sentido, as cobranças em relação à educação partem de todas as esferas: do estado, da família, das organizações, dos grupos sociais. Contudo, mudanças na educação são mudanças sociais e elas levam muito tempo, consomem esforços sem fim e recursos financeiros para que sejam efetivas e possam se fazer presentes em todos os meios. Portanto, pensar nas cobranças recebidas pela educação nas últimas décadas implica considerar alguns fatores comunicacionais, já

que eles serão necessários durante todo o processo, a fim de contribuir para a formação de sujeitos leitores, participantes efetivos da construção cultural do nosso país e autônomos para a tomada de decisões em suas próprias vidas.

Além da sociedade, dos esforços e das finanças, a educação requer, para sua mudança e renovação, fatores intangíveis, como assevera Morin (2010), p. 24): “a aprendizagem precisa cada vez mais incorporar o humano, a afetividade, a ética, mas também as tecnologias de pesquisa e comunicação em tempo real”.

Devemos considerar que as demandas atuais colocam nos profissionais da educação o peso da busca incessante por inovação, além de aspectos que interferem em seu trabalho docente, tais como a afetividade, a ética, a pesquisa e a comunicação.

Quanto à afetividade, esta se torna necessária para que o envolvimento humano ocorra, possibilitando que as relações entre quem ensina e quem aprende sejam mais leves e pautadas nas referências de quem ensina e não no poder representado pelo sujeito e doado pelas instituições. Para que a afetividade tenha assertividade é necessário ética. Esta possibilitará que o ambiente se torne fértil, eliminando as barreiras que poderão surgir no caminho.

A pesquisa, por sua vez, estimulará a curiosidade, que é elemento necessário em todo o processo. Por fim, a comunicação será o instrumento que possibilitará os anteriores acontecerem e transcenderem o próprio ser e tornar o conhecimento, as informações, as técnicas e os processos sociais amplos e difundidos.

Mas os desafios sociais são tão gigantescos, as mudanças acontecidas e em fase de implantação são tão dramáticas em todos os setores, que estão pressionando violentamente a educação escolar por novas soluções em todos os níveis: nos valores, na organização didático-curricular, na gestão de processos. Estamos diante de uma tarefa gigantesca, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar processos de ensino-aprendizagem que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento. (MORIN, 2010, p. 16).

A dramaticidade enfrentada pelas demandas geradas sobre a educação coloca os sujeitos atuantes em posições desconfortáveis, e a dualidade do tempo *versus* a possibilidade de realizações paralisa seus personagens, gerando novos desafios que buscarão extrair de todos os envolvidos as habilidades de afetividade, ética, pesquisa e comunicação.

Para a educação deste tempo, desafios se apresentam e implicam trabalhar de maneira que o ensino aconteça de forma efetiva e prática e, por consequência, para que o aprendizado se torne mais real e modifique a realidade social deste sujeito e daqueles que estão ao entorno, transformando o ambiente.

Foram precisos muitos anos para convencer políticos e a opinião pública de que, na verdade, as crianças vão à escola em sua grande maioria, mas aprendem pouco, e começam a abandonar os estudos quando chegam na adolescência. Os problemas principais são a má qualidade das escolas e a repetência, ou seja, a tradição de reter os alunos que não se saem bem nas provas, prática amplamente disseminada no Brasil. (FLETCHER, 1984; KLEIN; RIBEIRO, 1991 apud SCHWARTZMAN, 2005, p. 9).

A carência na aprendizagem, apresentada por Schwartzman (2005), reflete neste desafio para a educação. A falta dos fatores apresentados anteriormente – afetividade, ética, pesquisa e comunicação – pode levar o processo a não se apresentar efetivo se não acontecer por completo. O esforço de convencimento para que os envolvidos possam saber e entender o processo educacional é grande em razão do campo subjetivo em que a educação se encontra.

É neste emaranhado de emoções, conhecimentos, culturas, informações o qual chamamos de ser humano que se pode encontrar o desafio da educação e possíveis caminhos a serem tomados pela sociedade, que é gerada e geradora, também, pelos sujeitos que interferem diretamente no processo.

Esta complexidade é um resultado importante dos desenvolvimentos que tivemos até aqui. Quando haviam menos escolas, os gastos em educação eram poucos, e as administrações escolares eram usadas como moeda político-eleitoral, não era difícil saber o que fazer. Agora que as crianças estão na escola, que os gastos públicos em educação são significativos, e os ministérios e secretarias de educação são geridos, cada vez mais, por intelectuais e educadores, os problemas mudaram de patamar, e as dificuldades são muito maiores. É mais fácil construir um prédio escolar do que administrar uma escola; é mais fácil trazer uma criança para a escola do que ensiná-la a ler e escrever; é mais fácil contratar professores em dedicação exclusiva do que transformá-los em pesquisadores. (SCHWARTZMAN, 2005, p. 37).

Continuando a observar o reforço em relação à subjetividade da educação, quando pensamos no seu gerenciamento, podemos encontrar mais um desafio, que não é observar as estruturas físicas, organizacionais. Observar só esses fatores é olhar a materialidade da educação e esquecer a humanidade; observar somente a administração da educação é fazer o processo acontecer com

lógica, mas não efetivamente; observar as políticas educacionais serem colocadas em prática é ver escolas cheias de alunos, mas com processos educacionais, ensino e aprendizado deficientes.

O desafio da educação é proporcionar aos seres sociais a sua contemplação de outro ponto de vista e, talvez, essa mudança no olhar possa suscitar novos movimentos em relação a alterações em suas estruturas intelectuais.

2.1 Comunicação e Educação: a importância desta relação para a cultura Escolar

A presença das mídias em nossas vidas é uma realidade com a qual nos deparamos diariamente. E elas contribuem para a refração (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1995) da cultura e acabam por se integrar e modificar a maneira de compreender e, talvez, de agir no mundo contemporâneo.

Essa influência pode acontecer pelo fato de estarmos envolvidos de tal forma com os processos de comunicação mediados que passamos a fazer parte, vendo-os por dentro e também considerando-os importantes para nosso desenvolvimento pessoal e intelectual dentro da sociedade. Perceber de que forma a integração com as mídias, não apenas como suportes tecnológicos, mas nas possibilidades de integração na cultura, considerando as alterações multifacetadas ocorridas tanto no sujeito quanto na cultura em que ele se encontra imerso e em interação. Tais alterações parecem envolver o sujeito em nova ordem de linguagem, a impressão é a de que tudo está à disposição e pode ser acessado por meio de uma *performance* ágil e plástica, mas, talvez, o desafio diante desta multiplicidade da linguagem seja perceber o lugar da autoria, dos usos nas práticas culturais e na interação com o outro dessa gama performática de informações. Em outras palavras, talvez, a dificuldade esteja na manutenção de uma identidade com perspectivas mais humanizadas diante da presença da mídia.

Não podemos nos deslumbrar com os aparelhos tecnológicos, com os aplicativos e com a impressão de acessarmos toda a informação que desejarmos, esquecendo-nos de que estes aparatos tecnológicos editam a cultura e que temos um papel como consumidores ou propositores desta edição. Neste contexto, a educação nos parece local privilegiado para a reflexão e discussão das várias edições da linguagem que compõem o indivíduo e o coletivo, procurando caminhos

para se pensar seus usos em direção à formação do sujeito que capte e compreenda nuances da linguagem e, conseqüentemente, de formação do indivíduo que interage com as mídias e com outros sujeitos. Vejamos, portanto, como Messias (2009, p. 5) concebe a presença das novas tecnologias da informação e da comunicação na formação do sujeito:

[...] O que vemos, atualmente, é uma sociedade global com nova identidade em constituição. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação tem no fator relacionamento inter-pessoal sua força maior na consolidação do sujeito pós-moderno, que abre-se ainda mais às relações inter e multiculturais que o homem moderno, porém fecha-se na escravidão à técnica, tornando-se egoísta pela competição do conhecimento.

Além de o autor referir-se à constituição etimológica da comunicação e seu fluxo interativo veloz, o que chama a atenção nas suas ponderações é o fato de uma quebra, proporcionada pelas tecnologias, sobre escola como instituição responsável por transmitir informação (o modelo de um que fala (ensina) e do outro que ouve (aprende)). A constituição identitária dos sujeitos (alunos e professores) que chegam à escola não pode ser considerada como fruto apenas do modelo representacional de escola citado anteriormente, nem aquele pautado em determinados meios de comunicação que apresentam um leitor e um expectador que irá receber as informações, como se acreditou ser a função dos jornais e seus editoriais, revistas, TV, rádio e livro, por muito tempo.

Vemos um novo sujeito, “preliminarmente” formado pela interação cultural das novas e velhas mídias. É importante também assinalar que jornais, revistas, TV, rádio e livro não perderam seu espaço: coexistem no interior destas multifaces construtoras da identidade. Notamos, portanto, a atenção voltada à presença da comunicação na educação e também se vislumbra uma possível convergência entre campos, mesmo que já se relacionem de forma indireta.

Assim, investigar a comunicação requer rever os conceitos preliminares do sentido etimológico da palavra, em que os sujeitos tornam comuns seus pensamentos, vontades e ações. Logo, a educação, cujo pressuposto remete a uma relação dialógica entre quem detém o conhecimento e quem o aspira, passa a acontecer em um ambiente onde a informação chega mediada não mais, apenas, pelo rádio, pelo jornal ou pela televisão. As novas tecnologias formam preliminarmente o sujeito e colocam à prova as políticas públicas de educação nos mais variados continentes. (MESSIAS, 2009, p. 5).

Ao pensarmos esta interação entre o campo da Educação e da Comunicação, vislumbramos possibilidade de quebra de uma hegemonia de um modelo escolar. Hegemonia ressignificada, trazida sob novos olhares, por um discurso asséptico, libertário e emancipador, que pode estar se instalando e proporcionando, até mesmo, um nivelamento e homogeneização de percepção do sujeito em relação aos movimentos da cultura em que se encontra.

É evidente que há, e sempre houve, uma edição hegemônica da cultura. Mas é natural, também, se pensar na resistência e, neste caso, cabe à escola e à universidade, como instituições eleitas pelos processos históricos e culturais e como formadoras, chamar a atenção em direção à percepção desta edição da cultura e seus meandros discursivos que impactam a vida cotidiana das pessoas.

A observação e o estudo do modo como o processo de comunicação midiática acontece na sociedade e de que maneira ele se desenvolve em relação aos processos educacionais da atualidade é de extrema importância para a sociedade e também para o futuro da educação. É evidente esta preocupação nos estudos atuais, em que a comunicação midiática é responsável por grande parte da formação dos sujeitos, sejam eles discentes ou professores: “As condições da vida ocidental teriam diluído o papel da família, da escola e do trabalho, expondo os indivíduos à ação da mídia [...]” (ZANCHETTA JR., 2007, p. 1457).

A interação do sujeito com a comunicação midiática vai muito além da formação que acontece dentro dos perímetros escolares, sendo estendida para todas as instâncias da vida desses sujeitos, desde o aprendizado da língua materna até o desenvolvimento das identidades individuais, posicionamentos políticos e suas representações dentro de um grupo social.

Para observar os processos de comunicação e educação é necessário observar a midiática de forma mais ampla, pois ter o olhar reduzido sobre esse tema pode trazer suposições não científicas, tendo em vista que o processo de comunicação sempre ocorrerá midiático. É importante notar que este é um processo que se inicia em algum momento na vida do sujeito, mas não tem um fim. Podemos dizer onde começa aquele instante de contato com o receptor que decodificará a mensagem e relacionar, mas ele nunca terminará, pois se modificará com a interação de novas comunicações e, dessa forma, acontecerá também modificações em novas mensagens recebidas e também o sujeito em si mesmo.

Isso pode ser observado no comentário de Gómez, Citelli e Figaro (2009, p. 129) em uma entrevista concedida à revista *Matrizes*:

Creio que a comunicação ocorre em todos os momentos. Ou seja, ocorre um tipo de comunicação no momento direto de contato com o referente, mas isso não necessariamente termina aí; há outros processos proporcionados pelas mediações, em que, também, irrompe a comunicação. Aquilo que se disse: “vejo o filme e tenho um impacto”, concordo, ocorreu uma comunicação indireta; o erro é pensar que é direta. A apreensão comunicativa passa pelo plano cognitivo, racional, mas, também, pelo afetivo, emocional. Isto tem a ver com a história do sujeito, os seus diálogos com a cultura, com a sociedade etc. Irrompe comunicação em cada momento de apropriação, seja próximo, imediato, distante, mediato. Essa é minha posição. Há um tipo de comunicação que, às vezes, reforça a primeira apropriação, outras vezes problematiza, modifica, podendo a ela resistir ou mesmo rechaçar. A comunicação ocorre em todo o momento. (

Quando colocamos a problemática na ação da mídia na cultura e as consequências que decorrem desta ação no funcionamento cultural e nos sujeitos envolvidos no processo, teremos como contribuição a tentativa de discernimento para diferenciar a ação da mídia no interior deste funcionamento, promovendo, para tanto, uma avaliação em prol da cidadania e da autonomia dos sujeitos do processo educacional.

Ao pensarmos a mídia aliada à educação, não podemos tomar sentidos maniqueístas, é necessário considerar que o desvelamento dos níveis de linguagem, a problematização dos meios na cultura e as transformações que elas podem provocar na subjetividade e no funcionamento desta cultura devem ser destacados, pois contribuem para a construção de sentidos tanto sobre a performance individual e coletiva na realidade sociocultural quanto sobre as representações dos sujeitos na própria dinâmica social e cultural. Podemos até pensar na mídia como mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2000).

O processo de convergência desses campos – educação e comunicação – tem uma importância ainda maior se pensarmos o poder emancipador que o estudo integrado da comunicação e educação pode oferecer aos sujeitos.

Rancière (2002, p. 14) conceitua emancipação como a “diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade”.

Observando o desenvolvimento comunicacional, percebe-se a necessidade de uma educação que realmente constitua um projeto emancipador

dentro do conceito de Rancière, “uma educação que não tenha como objetivo a nivelção intelectual” (RANCIÈRE, 2002, p. 19).

Este processo de direcionamento do pensamento acontece desde as séries iniciais, em que os sujeitos são submetidos a matérias compartimentadas e aprendem pela divisão dos conteúdos a serem estudados.

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor, e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2010, p. 15).

Morin deixa claro o posicionamento acerca da edição do olhar que a escola propõe por meio dos métodos tradicionais, e a observação da interação entre os campos da comunicação e da educação vem a ser uma possível solução para uma educação integrada com a realidade vivida pelos discentes e seus professores.

A prática dos pedagogos se apóia na oposição da ciência e da ignorância. Eles se distinguem pelos meios escolhidos para tornar sábio o ignorante: métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos, mas cujo rendimento se pode comparar. Desse ponto de vista, poder-se-ia, numa primeira aproximação, comparar a rapidez dos alunos de Jacotot com a lentidão dos métodos tradicionais. Mas, na verdade, nada havia aí a comparar. O confronto dos métodos supõe um acordo mínimo, no que se refere aos fins do ato pedagógico: transmitir os conhecimentos do mestre ao aluno. Ora, Jacotot nada havia transmitido. O método era, puramente, o do aluno. E aprender mais ou menos rapidamente o francês é, em si mesmo, uma coisa de pouca consequência. A comparação não mais se estabelecia entre métodos, mas entre dois usos da inteligência e entre duas concepções da ordem intelectual. (RANCIÈRE, 2002, p. 26).

Refletindo sobre a citação de uma parte do texto do autor, é possível ampliar a compreensão a respeito do poder de emancipação que é possível ser obtido por meio da educação aliada à comunicação, permitindo, assim, analisar com maior clareza pontos de intersecção entre a educação, a comunicação e a emancipação. O autor descreve o que seria a prática pedagógica e menciona que esta tem apoio em uma oposição: ciência x ignorância como uma dualidade, sendo que a ausência da primeira é a segunda, pois não considera que o intelecto do sujeito não seja constituído de ciência ou intelectualidade, ou o contrário da ciência ou intelectualidade, como é dado a entender.

Quando pensamos a convergência entre comunicação e educação na formação de professores, uma das dificuldades parece-nos ser o imaginário de que

a formação do professor vincula-se a algo pronto ou dado, como se houvesse uma maneira ideal e generalizante para aprender a ensinar. Tais identidades sobre a profissão parecem atingir os que se encontram fora da escola e, muitas vezes, aqueles que serão professores ou, ainda, aqueles que já atuam na profissão.

Dessa forma, as mídias e o seu caráter híbrido e multifacetado põem abaixo esta imagem que envolve a maneira ideal, preconcebida, e generalizante do ensinar, refutando a ideia do estático e do pronto e acabado. Este molde a ser aplicado para se obter o êxito configura ilusão, uma vez que a formação docente e as relações de ensino passam por outros caminhos, muito distantes de uma fórmula ideal e aplicável.

Ao encontro desta discussão, Zanchetta Jr. (2007, p. 1466) ressalta que:

Há, por outro lado, pouca afinidade entre o perfil racional e linear proposto pelo universo pedagógico e o perfil sensorial e totalizante do contexto midiático. Historicamente preparados para operar a partir de trilhas didáticas, os professores têm dificuldade para lidar com um conjunto de estímulos fracionados e fugazes. O pragmatismo das ações escolares transforma-se em um dos obstáculos para um trabalho multifacetado como exigido para os meios de comunicação.

Trata-se de um objetivo nas relações de ensino e aprendizagem, considerando a velocidade da mídia na cultura, juntamente com um ideal de formação que desconfie do mercado hegemônico e simplesmente calcado na inovação de suporte.

Sendo assim, um investimento mais assertivo em uma construção conjunta, concatenada e visualizando o processo educacional como um conjunto em que a mídia faz parte e encontra-se integrada, possivelmente, contribuirá para um desenvolvimento emancipador, pois existe a contextualização e o entendimento dos signos em consonância com a cultura. Logo:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos [...] Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. (FREIRE, 1985, p. 45).

Considerando que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1985, p.46). Neste sentido, a

comunicação é essencial tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na formação de cidadãos com voz ativa.

Esta mudança de olhar em direção às práticas pedagógicas é um grande desafio, uma vez que se necessita revisar alguns posicionamentos diante da mídia e de seu papel na educação. Talvez, o desafio seja a procura de um olhar de conjunto, interligando e dialogando com as várias instâncias socioculturais. O diálogo e a interação são partes essenciais e vitais ao entendimento e à percepção sociocultural do sujeito individual e coletivamente.

2.2 O encontro da Educação com a Comunicação: Educomunicação

Pensar a história da comunicação por si só traria informação para o desenvolvimento de diversas páginas de texto, portanto, trabalharemos a questão histórica de maneira objetiva e elucidativa.

O surgimento da comunicação remete à origem da humanidade. Tratar de comunicação é tratar da socialização, da interação, de criação, de transmissão e de educação. Esse assunto é de grande relevância para o desenvolvimento da sociedade como conhecemos. Como assinala Perles (2007, p. 1):

Ele [processo de comunicação] representa um dos fenômenos mais importantes da espécie humana. Compreendê-lo, implica voltar no tempo, buscar as origens da fala, o desenvolvimento das linguagens e verificar como e por que ele se modificou ao longo da história.

A comunicação não tem um surgimento definido historicamente, não há uma data, um momento ou um marco, no entanto, é possível observarmos alguns fatos que, de alguma maneira, materializaram a evolução dos processos de comunicação durante a história. Podemos tomar como exemplo os próprios grunhidos emitidos pelos animais ou homens das cavernas que, entre outras formas rudimentares, abrem o debate do que é ou não comunicação e qual a sua representatividade histórica.

A história da comunicação é permeada pela própria história da humanidade que, em diversos momentos, estão tão intrinsecamente ligadas que se torna impossível separar uma da outra. Dessa forma, não é sabido se a comunicação evoluiu pelo desenvolvimento da sociedade ou se aconteceu o inverso, contudo, é factível associar os avanços da comunicação e da sociedade.

Durante o passar dos anos, a evolução da comunicação humana ganhou profundidade possibilitando o desenvolvimento intelectual e as associações, como cita Bordenave (1982, p. 24):

Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação. Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou idéia, e a significação, que consiste no uso social dos signos.

Considerando o desenvolvimento sógnico, a sociedade obteve a possibilidade de se comunicar de forma filosófica e aprofundada, passível de interpretações, além da possibilidade de transitar com a comunicação, fazendo uso de ferramentas tecnológicas de transmissão, seja a fumaça da fogueira seja os sinais eletromagnéticos do rádio ou da internet. Assim, conceitos puderam ser traçados, desenvolvimentos intelectuais aconteceram, pesquisas e questionamentos foram realizados.

A profundidade proporcionada pela comunicação atual possibilita-nos digitar letras que formarão palavras; palavras que formarão frases, e frases que formarão textos e estes, quando decodificados, serão transformados em ideias, imateriais, voláteis, virtuais e efêmeras, com a possibilidade de se transformarem em outros textos, possibilitando, assim, a reflexão.

Neste sentido, conceituar a comunicação tem a mesma amplitude e é tão difícil quanto contar sua história – ampla e difusa –, pois apresenta implicações que não são únicas do seu próprio campo. Suas teorias e seus conceitos permeiam as mais diversas áreas e apresentam grande multiplicidade de opiniões.

Para sermos mais específicos, trataremos da comunicação de massa ou da chamada comunicação social e não do processo de comunicação em si.

Ao adentrarmos na área da comunicação de massa ou comunicação social, teremos contato com dois opostos mais proeminentes, que podemos dividir entre as teorias críticas e as demais. Traçar esse paralelo é necessário para compreender as opiniões e visões dos profissionais da área da comunicação tanto quanto daqueles que fazem contato com essa área, mas que possuem formações diversas como os sujeitos dessa pesquisa.

A comunicação provoca questionamentos sobre seu poder de influência nos desenvolvimentos culturais, políticos, educacionais, sociais e econômicos que

levaram muitos estudiosos a desenvolver pesquisas e teorias sobre esta influência e esse poder. Uma delas, a teoria hipodérmica ou teoria da “bala mágica” como também é chamada, presume que a comunicação de massa pode estimular o receptor com uma mensagem geradora de mudança de comportamento, opinião ou ação e o resultado deste estímulo gerará um resultado factível.

A comunicação é intencional e tem por objectivo obter um determinado efeito, observável, susceptível de ser avaliado na medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objectivo. Este está sistematicamente relacionado com o conteúdo da mensagem. Consequentemente, a análise do conteúdo apresenta-se como o instrumento para inferir os objectivos de manipulação dos emissores e os únicos efeitos que tal modelo torna pertinentes são os que podem ser observados, isto é, os que podem ser associados a uma modificação, a uma mudança de comportamentos, atitudes, opiniões, etc. (WOLF, 2001, p. 30).

A teoria hipodérmica se tornou muito popular, pois foi diretamente associada aos regimes políticos totalitários e a outras experiências dos meios de comunicação e seus efeitos na massa foram percebidos objetivamente. Observar a comunicação valendo-se desta teoria é entender a comunicação como uma agulha (meio) que aplica o medicamento (mensagem) no paciente (receptor) sem nenhuma barreira que possa impedir sua influência.

Wolf (2001) continua dissertando sobre a massificação e assim deixa claro a origem do poder da mídia, segundo a teoria hipodérmica, em que o homem isolado de seus pares aparenta se tornar suscetível a qualquer influência da mídia para que a segurança do pertencimento possa ser restaurada. “O isolamento do indivíduo na massa atômica é, pois, o pré-requisito da primeira teoria sobre os *mass media*. Esse isolamento não é apenas físico e espacial” (WOLF, 2001, p. 25).

Com a mesma observação, em que a mídia de massa obtém poderes de dominação, consideremos a teoria crítica, formulada na Escola de Frankfurt e seu principal contribuinte Theodor Adorno. Esta teoria e os escritos de seu idealizador colocam sobre a comunicação de massa poder de persuasão dominador (CABRAL FILHO, 2014), na qual o poder só pode ser evitado por uma elite intelectualmente crítica que, por meio da sua observação, poderá se opor às tentativas de manipulação.

A formação da consciência crítica, expressão bastante usual em organizações sociais e políticas diversas nos setores sociais de matrizes socialistas, é oriunda da superação dessa dialética na qual se insere o

esclarecimento, dentro do qual a cultura – ou sua ausência – passa a ter importante papel, assim como sua produção, circulação e consumo, numa perspectiva que articula relações de poder (política) e produção e troca de valor (economia). (CABRAL FILHO, 2014, p. 59).

Na visão de Adorno, a produção cultural de forma industrial gera conteúdo para os sujeitos da sociedade sem interesse ou intenções predeterminadas, tendo um objetivo claro em que os receptores são apenas instrumentos de produção ou consumo dessa produção. Sendo assim, cabe observar que, mesmo criticando, propõe um processo dual, em que é necessário iluminar para tornar mais reflexivo, mas também é necessário observar para compreender, como diz Cabral Filho (2014, p. 67):

Ou seja, tanto para o processo comunicacional quanto para o educacional, o papel de formação sempre se colocou no limiar entre a pretensão de iluminar o caminho de alunos ou militantes em processo de formação de consciência crítica e, por outro lado, compreender dinâmicas diferenciadas mais autônomas na própria construção desse olhar reflexivo por parte dos destinatários do processo formativo. Vale lembrar que esse tensionamento lida também com toda uma série de instituições que disputam esses lugares por corações e mentes de modo muito mais pragmático: meios de comunicação, igrejas das mais diversas, mais recentemente as próprias empresas e corporações, entre outras.

Observando as teorias citadas anteriormente, vemos o sujeito como um ser inapto no trato com as mídias, colocando-o em uma posição frágil e paralisante, em que a manipulação irá acontecer e evitar isso demanda grandes esforços, como é o caso das teorias da escola de Frankfurt. Por outro lado, temos teorias que compartilham da responsabilidade no relacionamento com as mídias de massa e com os receptores que estão em um lugar em que sua participação ativa não é só observada como também se torna efetiva.

Na teoria dos usos e gratificações, a posição da mídia muda de dominadora para uma posição mais neutra, como menciona Menezes (2014, p. 128):

Em sua abordagem, o eixo de indagação sobre o processo comunicacional se desloca e, ao invés de questionar o que os meios fazem com as pessoas, a preocupação está em saber o que as pessoas fazem dos meios. Por que usam e para que usam? Parte do princípio de que as necessidades das pessoas têm influência na forma como elas usam e respondem aos meios. A partir das suas motivações individuais, selecionam os canais e consomem os conteúdos que lhes interessam e, gratificam de alguma forma.

A problemática das mídias de massa nesta teoria é recolocada observando o posicionamento do receptor em relação à mensagem emitida pela

mídia, deixando o sujeito de ser objeto de manipulação da mídia, impedido de reação. Mesmo que esta teoria coloque os sujeitos em uma posição ativa, eles são divididos em dois níveis: aqueles que teriam contato direto com a mídia e os que, incapacitados de compreender ou ser influenciados, seriam guiados pela opinião do primeiro, que, ao receber a mensagem seria um influenciador ou transmissor da mensagem em segundo nível.

As influências transmitidas pelos meios de comunicação alcançariam primeiro os “líderes de opinião” e estes, transmitiriam as suas leituras aos grupos mais próximos da sua vida cotidiana, sobre os quais teriam influência. A hipótese, designada “fluxo de comunicação em dois níveis” sugeria uma revisão da sociedade urbana da época, ao considerar que as pessoas pudessem ser mais facilmente persuadidas pela comunicação interpessoal do que pelos meios de comunicação de massa. (KATZ apud MENEZES, 2014, p. 134).

Neste sentido, fica claro que, na teoria dos usos e gratificações, o poder persuasivo do relacionamento interpessoal tem tanto peso quanto ou talvez maior que a própria comunicação de massa. Dessa forma, é possível observar que o campo da comunicação, especialmente a comunicação de massa, apresenta-nos uma situação ampla de constatações e também de possibilidades de observar a comunicação de diversos pontos.

A análise destas teorias permitiu-nos perceber a necessidade de estudar a educação e sua relação com a comunicação para que, ao observarmos esses dois campos, possamos pensar sobre eles e considerar suas variáveis positivas e negativas, especialmente neste século, em que a educação e a comunicação estão tão próximas, como assinala Kenski (2008, p. 651-652)

A ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e a intercomunicação frequente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja, se transmutar, ser diferente. Ser melhor não apenas pelas aquisições cognitivas, mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar e agir. Essa necessidade educacional é inerente ao ser e se apresenta em todos os seus momentos vivenciais, independente da escolarização. A evolução dos suportes midiáticos ampliou este desejo fundante de toda pessoa de se comunicar e de aprender. Os diferenciados meios comunicacionais – da escrita à internet – deram condições complementares para que os homens pudessem realizar mais intensamente seus desejos de interlocução. Possibilitam que a aprendizagem ocorra em múltiplos espaços, seja nos limites físicos das salas de aula e dos espaços escolares formais, seja nos espaços virtuais de aprendizagem.

É fato que os alunos mudaram, pois estão presentes nos ambientes escolares conectados a mundos virtuais e, por meio destes, presentes de forma ativa em outras realidades. Por possuírem mais informação, os alunos estão mais críticos e clamam pela ação ativa dentro do processo educacional. Colocando, dessa forma, à luz da citação de Kenski, emerge a necessidade de fazer uso da comunicação para incluir na educação aqueles que não são mais passivos.

O ponto a ser destacado é que o alcance de nossa emissão e produção comunicativa não tem a mesma dimensão e alcance de um canal de televisão ou estação de rádio ou de um jornal muito divulgado. A abrangência é mais ao nível interpessoal e de redes. Chega a uma página, a um site e a um blog, uma discussão se abre, mas é mais circunscrito do que algo massivo, ainda que o massivo também esteja se reduzindo, perdendo *rating*. [...] O núcleo da transformação está dado por esse poder de sermos comunicadores. Até onde nos levará este processo e quais as suas implicações, teremos que acompanhar. (GÓMEZ; CITELLI; FIGARO, 2009, p. 123).

O processo que torna a comunicação uma ciência a ser considerada para o desenvolvimento de uma educação formadora de sujeitos críticos e livres ainda não está fechado, como argumentam Gomes, Citelli e Figaro (2009). Desse modo, a educação tem a necessidade da comunicação e de continuar a observar para entender quais são essas mudanças e quais devem ser consideradas dentro do processo educacional.

Neste sentido, o surgimento do termo educomunicação vem ao encontro da necessidade de relação entre duas áreas que forçosamente se convergem a partir do crescimento e da difusão no acesso dos meios de comunicação. Com isso, a intersecção dessas áreas provoca nos sujeitos a necessidade de compreender para ser agente e não só ator do processo educacional e comunicacional que está instalado na época atual. Como cita Trindade (2007, p. 55):

A educação para a comunicação, ou então, seu termo técnico: a Educomunicação, constitui uma nova face da educação diante das mídias que possuem um papel forte e atuante em nossa sociedade. A Educomunicação possibilita a nós, educadores, uma maneira de se criarem pessoas mais críticas, inteligentes, que possuem atitudes e orientadas a serem cidadãos do mundo.

Essa visão da educomunicação, que é a convergência entre os campos da educação e da comunicação, tem como objetivo alinhar o desenvolvimento nas

áreas da educação e comunicação para que juntas possam formar sujeitos livres e pensadores, questionadores da realidade em que vivem e mais distantes da manipulação das massas. Outra concepção do conceito de educomunicação coloca, na ação decorrente do seu desenvolvimento, outro paradigma, como aponta Soares (2000, p. 24):

Definimos, assim, a educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos pólos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. A educomunicação, assim concebida, absorve seus fundamentos dos tradicionais campos da Educação, da comunicação e de outros campos das Ciências Sociais, superando, desta forma, as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis.

Nesta segunda concepção, a educomunicação não é tida somente como agente libertador das ações manipulativas das mídias de massa, mas agente que proporciona ferramenta para implantação de sistemas comunicativos eficientes que irão fazer parte do sistema educativo e, então, proporcionar a liberdade de pensamento, não só da mídia, mas aquela liberdade relacionada ao próprio sujeito e seu pensamento. É possível observar ideias diversas sobre comunicação e educação e a convergência destes dois campos no termo denominado educomunicação. Porém, ainda não é possível compreender o seu conceito de maneira pragmática, estática e imutável, já que esse é um conceito que ainda encontra-se em formação.

2.3 Educomunicação e a Formação do Pedagogo

Na concepção adotada, a pedagogia é a formação que propicia o desenvolvimento de uma relação emancipadora, podendo desenvolver o raciocínio crítico acerca dos processos de ensino e de aprendizagem e seus desdobramentos.

No entanto, os fatos históricos demonstram outros aspectos, que são tomados como verdadeiros pelos próprios profissionais da pedagogia.

O fundamento mais remoto dessa ideia está na etimologia da palavra “pedagogo” (*pedagogo*) em grego: aquele que conduz a criança, o escravo que cuidava das crianças e as conduzia à escola. Disso resultou o entendimento de pedagogia como um saber prático que depende do dom de ensinar, que pode ser adquirido com a experiência ou que pode ser comparado a uma certa habilidade de que algumas pessoas são portadoras. Esse entendimento ainda encanta muitos professores mas é, também, motivo de ironia em muitos professores universitários. No Brasil e em vários países da América Latina, a pedagogia acabou sendo o termo que designa o curso que forma professores para ensinar crianças. Se pedagogo é quem conduz as crianças, então quem ensina para crianças é pedagogo. E para ser pedagogo, ensinador de crianças, se faz um curso de pedagogia. Esta é, por exemplo, a ideia que está na Resolução CNE 1/2006 que fixa as diretrizes curriculares do curso de licenciatura em pedagogia. [...] É verdade que a pedagogia se ocupa da formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela é um campo teórico-investigativo que diz respeito ao estudo e à reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. (LIBÂNEO, 2012, p. 11-12).

É possível observar, na fala de Libâneo, que a ação do profissional de pedagogia possui influências da formação e a função de questionador da relação de ensino, devendo ser o profissional teórico-investigativo que pensa os processos educativos e apresenta opções e caminhos novos, emancipadores e reflexivos.

Nesta perspectiva, o profissional de pedagogia deve estar apoderado de conhecimentos que seriam emancipadores e reflexivos e também transformar o processo formativo de outros sujeitos. Essas observações nos fazem questionar a educação e a própria formação do pedagogo e é de onde emergem algumas reflexões, em que uma delas se tornou objeto de estudo dessa pesquisa, levando-nos a perguntas como: de que maneira esse profissional teórico-reflexivo-emancipador pode tratar as mídias em seu processo formativo; e, também, de que maneira ele entende o termo educomunicação, como a educomunicação pode ou não ser ferramenta para se pensar o processo educativo neste século. Considerando esse contexto, a educomunicação atua como objeto fundamental para o trabalho e entendimento das dinâmicas comunicativas atuais, estejam elas presentes na mídia de massa ou nos organismos comunicativos locais, como grupos sociais reais ou virtuais.

O ato de comunicação expressado não se restringe, portanto, aos suportes ou aos processos intencionais de uso das mídias pelas escolas ou pela indústria cultural. O ato de comunicação em educação é um movimento entre pessoas que possuem em comum a vontade de ensinar e aprender. Neste sentido, recordo-me da professora Mariazinha Fusari – ex-coordenadora do Grupo de Trabalho (GT) “Educação e Comunicação” da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e pioneira nos estudos na área –, que tanto defendia a compreensão da importância da intercomunicação humana nos processos educacionais, que podem ocorrer em qualquer lugar, a qualquer momento; que transformam e levam as pessoas a aprender não apenas conteúdos, mas valores, sensibilidades, comportamentos e práticas em múltiplos e diferenciados caminhos. [...] Reunida à comunicação, a educação é solicitada para invadir todos os campos, não isolada e ciosa de seus limites de formação e instrução, mas mediada, realizando na prática as interconexões e hibridismo que as potencializam e as indiferenciam. A indistinção entre os suportes tecnológicos, as técnicas subjacentes à produção e veiculação, os conteúdos veiculados e o próprio processo comunicacional-educacional em muitos dos estudos realizados colaboram para essa incompreensão e confusão. (KENSKI, 2008, p. 650).

Na visão de Kenski, educação e comunicação podem apresentar-se em diversos campos e estar presente de maneira abrangente na vida dos sujeitos envolvidos em seus processos. Nessa perspectiva, a convergência (educação e comunicação) atuaria também na formação do pedagogo, permitindo, assim, outras abrangências, já que a pedagogia e seu profissional pedagogo atuam na formação dos sujeitos, mas não em uma área ou conhecimento específico, a função do pedagogo permite alta permeabilidade das suas mediações, proporcionada pela sua formação pluricultural.

A educomunicação surge como uma alternativa na formação do pedagogo a fim de que ocorra o desenvolvimento da convergência da comunicação com a educação. De forma que o pedagogo possa atuar em sua prática, como agente emancipador do pensamento. Para traçar essa relação, é importante observar qual é a representação comum entre os profissionais em formação da pedagogia, assim, poderemos compreender como esse fenômeno social – educomunicação – pode permear uma ampla área e atuar como agente emancipador para os meios e facilitador na geração de ambientes comunicacionais.

Ao observar essa relação, podemos notar, no princípio, uma dualidade, em que o pedagogo está no centro do campo da educação, portanto, assume tudo o que ela representa: formalidade, metodologia e punição. Enquanto isso, a comunicação é o oposto: um campo sem predefinições com muitas possibilidades, porém, sem determinações ou metodologia em seu pensamento. Talvez a educomunicação venha a ser um ponto de equilíbrio entre as duas áreas e, então,

obter maiores oportunidades educativas. Podemos observar como a percepção sobre a educação dogmática é proeminente no texto de Moraes (1996, p. 59):

[...] Todos os princípios epistemológicos e filosóficos positivistas presentes no estudo da natureza, desde o século XIV, começaram a ser aplicados aos fenômenos sociais como se fossem naturais, apesar da profunda diferença entre eles. Na educação, inúmeras foram as influências do velho paradigma. Dentre elas, o prevalecimento de um sistema paternalista, hierárquico, autoritário, dogmático e a presença de uma escola que exige memorização, repetição, cópia, que dá ênfase ao conteúdo, ao resultado, ao produto, recompensando o conformismo, a “boa conduta”, punindo os “erros” e as tentativas de liberdade e expressão.

Assim, é possível notar a fala crítica em relação às práticas rígidas da educação, em que o sujeito não é formado, muito menos instruído ou inspirado, mas sim moldado como numa prensa. Toda a prática metodológica rígida e punitiva moldava o homem, e todo aquele que era colocado dentro do processo no final nunca voltaria à forma anterior (livre, pensador, crítico ou criativo). Uma prática educativa com tal rigidez pode ter tido sentido em algum momento em que era necessário implantar a educação em um ambiente rude e apresentar um momento de ruptura, porém, nos dias atuais já não é possível conceber tal necessidade.

A comunicação apresenta outra postura durante todos os seus momentos históricos, não tão óbvia quanto a educação, mas completamente desatada de qualquer dogma, e a tal ponto que a liberdade dificulta até a sua percepção. As tecnologias, que são o suporte para o momento comunicativo no qual estamos vivendo, são apenas um apoio para que a comunicação aconteça, já que ela têm necessidades mecânicas e elétricas para acontecer. A comunicação subsiste na mente daqueles que participam deste processo, alterando-se a cada novo pensamento, sendo moldada e remodelada infinitamente. As considerações de Perles (2007, p. 14) permitem-nos notar essa presença virtual:

A chamada sociedade da informação ou sociedade tecnológica é considerada por muitos autores como um fenômeno recente na história do homem e é mais fácil senti-la do que descrevê-la, porque o mote principal de sua existência se deve a complexos fatores que fizeram emergir novos paradigmas na produção, recepção e percepção da informação.

Por meio da análise das citações de Perles e de Moraes, podemos notar claramente a dualidade com a qual o termo educomunicação se constitui. De um lado a educação, representada pela pedagogia tradicional e instrumentalizada;

de outro lado a comunicação, retratada por meio das tecnologias, sem definição nem padrões aparentes. Nesse sentido, Soares (2005, p. 6-7) ressalta os dois lados da relação educação e comunicação

Na escola, que é obrigatória e demanda esforço, o saber transmitido é selecionado, construído e, arquitetado segundo uma progressão definida, que se desenvolve no tempo. A escola entende-se como objetiva e não-temporal, a mesma para todos igualmente distribuída, fazendo jus ao emprego de uma avaliação sistemática. A escola acredita ocupar um lugar privilegiado em relação ao mundo exterior, por ser encarregada de transmitir a cultura do saber... e é por isso que pretende apresentar-se como melhor adaptada aos jovens de meios sócio-culturais mais favorecidos. Já com meios de comunicação, o que é transmitido é muito mais informações do que o saber (o que não é a mesma coisa). O saber-informativo é fracionado, descontínuo, mostrado “em mosaicos”, como se costuma dizer. O que é privilegiado é “o aqui e o agora”, o rápido e o efêmero; “a encenação da informação”, mais do que o conteúdo; o sensacional e o emocional, mais do que o racional e o abstrato. Enfim, os meios tratam de todos os assuntos e não há nenhum controle sobre a forma como trabalham.

Tendo em vista duas colocações tão opostas, pensar a educomunicação é pensar em uma educação mais livre, criativa, envolvida socialmente, potencializadora dos próprios sujeitos e, ao mesmo tempo, é pensar em uma comunicação menos efêmera, menos fragmentada, menos imediatista. Pensar a educomunicação apresenta a possibilidade de captar o que é bom e necessário nestes dois opostos, inspirando novos processos educativos mais adaptados ao século atual, composto por uma miscelânea de informações.

Definimos, assim, a Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2000, p. 24).

Portanto, considerar a educomunicação na formação do pedagogo nos permite observar ações nas quais a aplicação dos conceitos da educomunicação poderá proporcionar o planejamento, a implementação e a avaliação de processos criadores de “ecossistemas comunicativos” (SOARES, 2000), possibilitando a educação mencionada anteriormente e ampliando as possibilidades para as próximas gerações. Em relação ao curso de Pedagogia, existe maior necessidade de que estes aspectos sejam observados, já que o egresso deste, provavelmente,

será responsável pela formação inicial de outros professores, o que possibilitaria um amanhecer propício para a prática da educomunicação.

As reflexões aqui registradas, sobre a teia que liga educação, comunicação e formação do pedagogo, constituíram a âncora da pesquisa cujo percurso metodológico descreveremos na próxima seção.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta seção aborda a natureza qualitativa da pesquisa, o universo e dos procedimentos da recolha de dados e, também, o tratamento e a forma de análise dos dados.

A investigação aqui exposta teve abordagem qualitativa. De acordo com Fachin (2005, p. 81) “a variável qualitativa é caracterizada pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente”. Ou seja, por meio deste estudo buscamos interpretar o conteúdo contido nos discursos, tanto de teóricos renomados no assunto abordado, quanto de sujeitos que o vivenciam no cotidiano.

3.1 Características do estudo

Qualquer trabalho de cunho científico inicia-se com a constatação de um problema, e a vontade de solucioná-lo ou, dependendo do contexto, propor formas de amenizar suas consequências. Neste sentido, traçamos objetivos, que nortearam a elaboração da investigação e, para atingi-los, foi necessária a utilização de ferramentas, ou melhor, de procedimentos de pesquisa. Considerando que é por meio deles que a investigação é validada, uma vez que são responsáveis pela forma de condução do trabalho, e pelo consequente sucesso ou insucesso, são de grande importância dentro do contexto definido. Como menciona Lakatos (2005, p. 83):

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Assim sendo, o procedimento metodológico que entendemos como apropriado para conduzir este trabalho, do ponto de vista epistemológico, foi a pesquisa social, que Gil (1995, p. 43) define como:

O processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social [...] pode decorrer de razões de ordem intelectual, quando baseadas no desejo de conhecer pela simples satisfação de conhecer, ou prática, quando baseadas no desejo de conhecer para agir.

Ou seja, independente das razões que motivam a utilização da pesquisa social, é necessário estudar amplamente os fatos sociais. E, para utilizá-la na viabilização desta investigação, foi preciso escolhermos entre as várias ferramentas metodológicas das quais ela dispõe, considerando que:

Podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento e o estudo de caso. (GIL, 1995, p. 71).

Nesta pesquisa, adotamos procedimentos contidos nos dois grupos de delineamentos, citados por Gil. Além da pesquisa bibliográfica, o estudo de caso foi selecionado como método de condução, por oportunizar o alcance do objetivo traçado, explorando o objeto de estudo. De acordo com Goldenberg (1997, p. 33-34), o estudo de caso constitui:

Uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística.

A escolha desta abordagem se deu por adequar-se às características desta pesquisa, na qual propusemos investigar de modo aprofundado e subjetivo um grupo social composto por docentes do curso de Pedagogia de uma Universidade privada, com o intuito de refletir acerca das suas relações e entendimentos sobre “comunicação e educação”, bem como suas percepções e o emprego da educomunicação e da mídia no cotidiano da sala de aula. E, como o método é a base de qualquer pesquisa, o estudo de caso foi relevante neste contexto. Segundo Gil (1995, p. 79):

O estudo de caso é muito frequente na pesquisa social, devido à sua relativa simplicidade e economia, já que pode ser realizado por um único investigador, ou por um grupo pequeno e não requer a aplicação de técnicas de massa para coleta de dados como ocorre nos levantamentos.

Deste modo, a aplicação desta metodologia possibilitou o contato direto do pesquisador com o grupo analisado, tendo em vista que ficou sob sua

responsabilidade a etapa de coleta de dados. O intercâmbio entre as partes contribuiu para a aproximação da realidade com a teoria, e permitiu o aprofundamento do estudo do objeto, que é considerado o maior benefício desta forma de investigação.

A vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa, é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se vêem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação com outros casos [...] Essa profundidade ligada ao caso particular não exclui, contudo, toda forma de generalização. Isso porque o pesquisador tem habitualmente uma ideia clara e precisa do que pesquisa e sabe escolher casos exemplares para logo considerar não somente os aspectos que lhe convêm em relação a suas expectativas ou opiniões, mas todos os que podem se verificar pertinentes. (LAVILLE, 1999, p. 156-157).

Assim, é possível perceber que o aprofundamento possibilitado advém da concentração em um caso ou grupo específico, opinião esta reforçada por Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 62), que consideram o estudo de caso uma “[...] pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida”. Em outras palavras, o estudo de caso permite o foco no objeto e a possibilidade de aprofundar o estudo em um grupo pequeno de sujeitos, indo ao encontro de nossa proposta para esta pesquisa, como descreveremos na subseção seguinte.

3.2 O Universo da Pesquisa

O universo que esta pesquisa se propôs a analisar é composto por docentes do curso de Pedagogia de uma Instituição particular de Ensino Superior, situada na cidade de Presidente Prudente, interior do estado de São Paulo. Desta instituição selecionamos dez professores, observando o critério de anos de atuação no curso de Pedagogia. Foram escolhidos os cinco docentes que lecionam há mais tempo e os cinco que estão a menos tempo no curso, com a finalidade de investigar como eles enxergam e utilizam a comunicação e a mídia no cotidiano da sala de aula, bem como, quais são suas percepções e opiniões acerca da educomunicação.

3.3 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta de dados constitui etapa determinante para o desenvolvimento de qualquer estudo científico, é por meio dela que as informações necessárias para atingir os objetivos propostos são obtidas. Neste sentido, os instrumentos eleitos para viabilização desta investigação foram a pesquisa bibliográfica e a entrevista.

A pesquisa bibliográfica, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 60) objetiva “[...] explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses”. Em outras palavras, é o tipo de procedimento que caracteriza um estudo científico, considerando que, para que este exista, são necessárias citações de teóricos acerca dos assuntos abordados, sobretudo na seção de fundamentação teórica, em que mais utilizamos este método no presente estudo, confirmando a posição destes autores.

A entrevista, de acordo com Gil (1995, p. 113), consiste na

[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Nesta perspectiva, o pesquisador necessita de grande dose de cautela, precisa saber administrar as diferenças, e aproveitar o intercâmbio com a realidade para extrair o máximo possível de informações dos entrevistados. Com base nestas premissas realizamos, em loco e com horário previamente agendado, as entrevistas com 10 docentes do curso de Pedagogia ¹. Todas foram registradas com o auxílio de um gravador e os sujeitos foram identificados apenas pela letra P e um número, como forma de preservar as identidades.

A seguir, Goldenberg (1997, p. 88) enumera algumas vantagens advindas da aplicação desta técnica:

- Pode coletar informações de pessoas que não sabem escrever;
- As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
- Maior flexibilidade para garantir a resposta desejada;

¹ O roteiro de entrevista com os professores encontra-se no Apêndice.

- Pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
- Instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
- Permite uma maior profundidade;
- Estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados. (GOLDENBERG, 1997, p. 88).

Estas vantagens confirmam a entrevista como método de coleta de dados importante para esta pesquisa, pois permitiu o contato direto do pesquisador com os sujeitos e com o cenário no qual se encontram inseridos, possibilitando uma análise completa da realidade, para comparação com a teoria, na busca por resultados válidos e verdadeiros.

3.4 Tratamento dos Dados

As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador e, posteriormente, transcritas na íntegra. Após esta etapa, foi realizada uma limpeza no texto, preservando o sentido das falas, apenas eliminando os vícios de linguagem e algumas expressões típicas da oralidade.

3.5 Análise dos Dados

Os dados coletados só ganham sentido, quando são analisados. Desse modo, Bogdan e Biklen (1994, p. 205) evidenciam a ligação de dependência destas duas etapas no seguinte excerto:

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão do que deve ser transmitido aos outros.

Sendo assim, não é possível desvincular uma fase da outra, tendo em vista que os instrumentos usados na coleta trazem implicitamente a forma de análise destas informações, cujo tratamento pode ser de três tipos diferentes: interpretativo,

numérico ou numérico-interpretativo. Para esta pesquisa, optamos pela abordagem antipositivista ou qualitativa:

[...] os métodos qualitativos têm uma orientação antipositivista, ou seja, são norteados pelo paradigma interpretativo. Dessa forma, a racionalidade cede espaço à subjetividade. A visão reducionista se amplia para a tentativa de entendimento aprofundado do objeto em estudo [...] o propósito das pesquisas que seguem o paradigma interpretativo vai mais além, é preciso interpretar os acontecimentos, entender as relações existentes entre as variáveis [...]. Um estudo qualitativo é capaz de revelar uma riqueza maior de dados, bem como facilita uma exploração maior de eventuais contradições e paradoxos. (GOMES; ARAUJO, 2005, p. 6).

De acordo com estes autores, na abordagem qualitativa, predomina-se o olhar subjetivo, ao invés do meramente racional, e a interpretação, como forma de compreender a relação existente entre os indivíduos envolvidos e o contexto no qual estes estão inseridos. Aliando este aspecto ao fato de que as respostas obtidas por meio das entrevistas, foram gravadas e posteriormente transcritas em linguagem escrita, para viabilizar a análise qualitativa é imprescindível a realização de uma análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2009, p. 44), é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

De acordo com a bibliografia consultada, para obter os resultados desejados com a utilização desta técnica, é preciso seguir todas as etapas pertinentes. Neste sentido, é relevante destacar que, no presente estudo, elas foram pontualmente realizadas.

Seguindo a mesma linha, Bardin (2009, p. 73) pontua que a análise de conteúdo:

[...] consiste em estudar, detalhadamente, as palavras e frases do texto; identificar aquilo que é essencial no tocante ao tema e às ideias centrais da investigação; apreender seu sentido, capturar seu significado no contexto; avaliar, comparar e suprimir o que não seja útil ou, simplesmente, acessório.

Ressaltamos, ainda, a importância que este tipo de análise tem no processo de viabilização da abordagem qualitativa, uma vez que propicia a

interpretação minuciosa das respostas proferidas pelos sujeitos mediante identificação do principal, do dispensável e do acessório, colaborando com o alcance dos objetivos desta investigação.

3.6 Categorias de análise

A partir da análise preliminar do material recolhido, foram definidas cinco categorias de análise, que relacionamos a seguir:

- Importância da relação entre comunicação e educação para a cultura escolar.
- Tentativas de desenvolvimento da relação educação e comunicação.
- Alternativas oferecidas pela educomunicação.
- Relação entre o docente e a mídia.
- Relação entre a mídia e a prática docente.

Na seção seguinte, denominada “análise e discussão dos dados”, apresentamos os resultados desta investigação, valendo-nos da correspondência entre o discurso dos sujeitos entrevistados com as ideias dos teóricos presentes na seção de fundamentação teórica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção estão presentes os dados recolhidos e as respectivas discussões. Os dados foram divididos em cinco quadros, cada um deles contendo fragmentos de argumentações retirados das entrevistas, pertinentes a uma dada categoria de análise. As categorias de análise foram colocadas na seguinte sequência: Importância da relação entre comunicação e educação para a cultura escolar; Tentativas de desenvolvimento da relação educação e comunicação; As alternativas oferecidas pela educomunicação; A relação entre o docente e a mídia; A relação entre a mídia e a prática docente.

4.1 Importância da relação entre comunicação e educação para a cultura escolar

Transcrevemos, a seguir, excertos das manifestações dos participantes da pesquisa ao responderem a pergunta: Você percebe alguma relação entre comunicação midiática e educação?

QUADRO 1 - Percepção de possíveis relações entre comunicação midiática e educação

Sim. A mídia, ela fornece para nós ferramentas onde podemos colocar dentro da sala de aula ou de repente de um laboratório, algo mais tecnológico que a moçada e as crianças hoje em dia adere mais a esse tipo de mídia, como programas, brincadeiras, histórias, tem um vínculo muito grande e um leque bem grande a respeito dessas mídias. (P1)

Depende. Se o professor quiser ele utiliza a mídia, mas sempre usa pela condição da "moda". (P4)

Sim, pois os estudantes (crianças, adolescentes e adultos) estão ligados às tecnologias para tudo e é um meio muito favorável para aprendizagem e ensinagem. (P3)

Percebo que é possível atrelar a comunicação midiática com a educação, para que elas não se tornem concorrentes. (P5)

Professor é o meio de promover a educação, assim como os pais, e ele diretamente está ligado à cultura escolar, obviamente. O professor reflete na cultura escolar, pois é o canal facilitador do conhecimento e uma ponte dos saberes. (P6)

Mídia pode ajudar ou mesmo atrapalhar a ação do professor quando traz uma informação sensacionalista mas não fundamentada. (P7)

Sim. É possível perceber a relação a partir da utilização de recursos midiáticos para assimilação e exemplificação de conteúdos, assim como gerar discussões, debates e pesquisas a partir de cenários trazidos pela mídia. (P9)

Sim, entendo que existe uma necessidade de considerar as tecnologias de informação e comunicação como fundamentais para a constituição de métodos pedagógicos atuais. (P10)

Fonte: O autor.

Nós sabemos que a cultura escolar ela é bem precária e através da mídia desenvolvemos alguns projetos, de uma forma elaborada para estimular essa cultura, porque ano após ano percebe-se que a educação e a cultura nossa vai caindo cada vez mais. (P1)

Observando o relato do professor P1, fica evidente a necessidade da presença midiática no exercício da docência e o poder emancipador do desenvolvimento do saber relacionado à comunicação midiática. É superficial não observar que existe a edição hegemônica da cultura gerada e transmitida pela mídia, no entanto, é preciso olhar de forma objetiva para algumas posições, de modo que a relação entre educação e comunicação possa gerar práticas emancipatórias, e não apenas parte de um momento ou situação de utilização da mídia como instrumento lúdico.

Na argumentação: “*se o professor tiver oportunidade de promover uma relação próxima entre Mídia e Educação*” (P5), encontramos um dos elementos básicos para o desenvolvimento adequado da relação entre a cultura escolar e a comunicação. Obtivemos, também, a oportunidade de refletir que a relação existente e a proximidade entre os dois campos depende do planejamento e da disposição do corpo docente em implementar e pensar a mídia e a comunicação de forma ampla, possibilitando oportunidades e evitando julgamentos preconceituosos.

Quando P3 afirma que “*crianças, adolescentes e adultos, estão ligados às tecnologias para tudo e é um meio muito favorável para aprendizagem e ensinagem*” e P5 diz perceber “*que é possível atrelar a comunicação midiática com a educação, para que elas não se tornem concorrentes*”, conseguimos observar que as manifestações desses docentes corroboram com Messias (2009, p. 5) ao asseverar que:

[...] O que vemos, atualmente, é uma sociedade global com nova identidade em constituição. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação tem no fator relacionamento inter-pessoal sua força maior na consolidação do sujeito pós-moderno, que abre-se ainda mais às relações inter e multiculturais que o homem moderno, porém fecha-se na escravidão à técnica, tornando-se egoísta pela competição do conhecimento.

A competição do conhecimento apresentada por Messias está presente de forma implícita em diversas opiniões dos entrevistados, mas fica evidente na

citação de P4: *“Depende. Se o professor quiser ele utiliza a mídia, mas sempre usa pela condição da moda”*. Por outro lado, P3 assinala que se *“considerarmos a cultura local de cada unidade escolar, tudo dependerá do plano de trabalho elaborado por toda a equipe escolar, se os atores acreditam no poder da mídia sem dúvida esta escola receberá as influências”*. A fala de P3 se assemelha à de P5, citada anteriormente. As manifestações destacadas remetem-nos ao comentário de Menezes (2014, p. 128), ao afirmar que:

Em sua abordagem, o eixo de indagação sobre o processo comunicacional se desloca e, ao invés de questionar o que os meios fazem com as pessoas, a preocupação está em saber o que as pessoas fazem dos meios. Por que usam e para que usam? Parte do princípio de que as necessidades das pessoas têm influência na forma como elas usam e respondem aos meios. A partir das suas motivações individuais, selecionam os canais e consomem os conteúdos que lhes interessam e, gratificam de alguma forma.

Relacionando as argumentações dos professores com a citação de Menezes, podemos observar que os sujeitos são agentes ativos na construção da cultura escolar em relação à comunicação. Desta forma, podemos considerar que os meios são persuasivos, mas o trabalho realizado pelos educadores tem grande influência no modo como as comunicações são interpretadas e incutidas na cultura.

P7 entende que a *“mídia pode ajudar ou mesmo atrapalhar a ação do professor quando traz uma informação sensacionalista, mas não fundamentada”*. Enquanto isso, para P6 o *“professor é o meio de promover a educação, assim como os pais, e ele diretamente está ligado à cultura escolar, obviamente. O professor reflete na cultura escolar, pois é o canal facilitador do conhecimento e uma ponte dos saberes”*. Essas posturas demonstram que, em alguns momentos, o docente está presente como protagonista do processo e, em outros, ele se coloca como mero espectador neste processo e a mídia se torna persuasiva e influente.

A observação destas falas explicita a importância e a necessidade da vinculação entre a comunicação e a educação para a promoção de uma educação emancipadora.

O sentido da relação educação-comunicação vai além das possibilidades oferecidas pelas mídias contemporâneas e dos níveis segmentados dos sistemas educacionais atuais. Ultrapassa a tentativa de ordenação dos conteúdos escolares e a profusão/confusão dos dados disponíveis em múltiplas bases. O ato comunicativo com fins educacionais realiza-se na

ação precisa que lhe dá sentido: o diálogo, a troca e a convergência comunicativa, a parceria e as múltiplas conexões entre as pessoas, unidas pelo objetivo comum de aprender e de conviver. (KENSKI, 2008, p. 663).

Em sua colocação, Kenski apresenta uma abordagem possível, inclusiva e com objetivos em consonância com a educação e a comunicação. Neste contexto, quando cita o diálogo, o faz como ação que dá significado para a relação educação-comunicação e, apresenta essa relação como algo novo, levando seus interlocutores a serem interdependentes durante a troca comunicativa e educacional que é necessária para o desenvolvimento e a transformação de todo o processo em uma troca intensa e constante, em que cada estímulo necessita de uma resposta.

O diálogo pode ser uma alternativa para o implemento da educomunicação, para que a inserção da mídia aconteça dentro dos ambientes educativos com objetivos mais amplos, ao invés de simplesmente modernizar as aulas ou em função da moda ou ainda, por meio dos caminhos tecnológicos.

4.2 Tentativas de desenvolvimento da relação educação e comunicação

Transcrevemos, a seguir, excertos das manifestações dos participantes da pesquisa ao responderem a pergunta: Você tem lembranças de alguma tentativa de relacionar comunicação e educação?

QUADRO 2 – Tentativas de desenvolvimento de uma relação entre comunicação e educação.

Eu acredito que a atividade lúdica na educação ela, de uma forma, ela é inserida na educação, de forma de vídeo de forma de textos contando história você leva essa comunicação até eles de uma forma bem recreativa e a assimilação dessas crianças através dessas mídias fornecidas na atividade lúdica expande cada vez mais. (P1)

Não. (P2)

Na instituição há o aprender que é o sistema educacional da instituição que permite uma boa comunicação com os alunos por meio das atividades propostas e na Educação Básica, os professores promovem grupos para se comunicarem, lá eles tiram dúvidas, postam exercícios, todos com temas pertinentes aos assuntos tratados em sala). (P3)

Não. (P5)

Já trabalhei assuntos abordados pela mídia em sala de aula. (P7)

Trabalho a presença da mídia quando ensino sobre as questões sociais. (P9)

Sim, quando apresento as imagens audiovisuais na sala de aula, ou ainda quando

apresento as formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos estou trabalhando nesta linha. (P10)

Fonte: O autor.

Pensar em educomunicação ou educação e comunicação, é pensar em tentativas, é observar de que forma essas relações se estabelecem e como elas se desenvolvem sem imposição, mas em adequação com a comunicação, a educação e os processos educativos.

Assim, investigar a comunicação requer rever os conceitos preliminares do sentido etimológico da palavra, em que os sujeitos tornam comuns seus pensamentos, vontades e ações. Logo, a educação, cujo pressuposto remete a uma relação dialógica entre quem detém o conhecimento e quem o aspira, passa a acontecer em um ambiente onde a informação chega mediada não mais, apenas, pelo rádio, pelo jornal ou pela televisão. As novas tecnologias formam preliminarmente o sujeito e colocam à prova as políticas públicas de educação nos mais variados continentes. (MESSIAS, 2009, p. 5).

Como notado por Messias, a vinculação entre educação e comunicação já acontece de forma subliminar, mesmo que não tenha sido mencionada de forma explícita ou regimentada dentro do contexto lógico, coerente e programático dos sistemas educacionais. Analisando a fala dos professores, notaremos que a prática relacional entre comunicação e educação já acontece, mas não ainda é entendida como educomunicação. Discorreremos a esse respeito na subseção seguinte.

Assim, quando o professor P10 diz: “[...] *minha prática docente é totalmente baseada no uso de tecnologias digitais de informação e comunicação*”.

E o professor P3:

Na instituição há o aprender que é o sistema educacional da instituição que permite uma boa comunicação com os alunos por meio das atividades propostas e na Educação Básica, os professores promovem grupos para se comunicarem lá eles tiram dúvidas, postam exercícios, todos com temas pertinentes aos assuntos tratados em sala.

Quando o entrevistado fala da sua prática docente e das tentativas de trabalhar com a comunicação ou a educomunicação dentro da sala de aula, deixa claro uma interpretação própria do que significa para ele cada uma daquelas áreas, demonstrando um vínculo entre a comunicação e as tecnologias da informação.

O professor P9, por sua vez, coloca a comunicação dentro da sala de aula como protagonista da ação, quando cita: *“trabalho a presença da mídia quando ensino sobre as questões sociais”*. Assim como o professor P7 *“já trabalhei assuntos abordados pela mídia em sala de aula”*. Em ambas situações, a relação entre a comunicação e a educação se apresenta de forma materializada ou por meio das ferramentas de comunicação que tem a função de amplificar, aumentar e dinamizar a penetração da comunicação, entre outras finalidades; ou ainda, pela apresentação representativa quando o professor utiliza o produto da comunicação de massa para apresentar aquela situação aos discentes. Essas colocações podem ser observadas também na discussão de Morin (2010, p. 15):

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor, e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento.

A decomposição do processo e a separação entre comunicação e educação nos apresentam situações como as falas apontadas anteriormente, em que os docentes, em sua prática, segmentam o processo de comunicação, de modo que, em alguns momentos, tomam a ferramenta como base do processo de comunicação e, em outros, preferem o resultado da mídia de massa como jornais, programas de entretenimento ou revistas. Desse ponto de vista, é evidente o resquício da compartimentação dos processos educativos que formaram esses professores, pois ao observarem os processos comunicativos ou a própria comunicação não o entendem de forma ampla e sim fragmentada, e essa divisão pode prejudicar o possível desenvolvimento de uma relação.

Na concepção de P10:

Educomunicação está relacionada às formas de conhecimento e informações para desenvolver o senso crítico. As práticas educacionais não estão restritas às salas de aulas da educação formal, mas incluem todos os esforços realizados pela sociedade para aproximar os campos da cultura, da comunicação e da educação.

Nas observações feitas por este professor, é oportuno ressaltar os conceitos trazidos por Kenski (2008):

A ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e a intercomunicação freqüente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja, se transmutar, ser diferente. Ser melhor não apenas pelas aquisições cognitivas, mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar e agir. Essa necessidade educacional é inerente ao ser e se apresenta em todos os seus momentos vivenciais, independente da escolarização. A evolução dos suportes midiáticos ampliou este desejo fundante de toda pessoa de se comunicar e de aprender. Os diferenciados meios comunicacionais – da escrita à internet – deram condições complementares para que os homens pudessem realizar mais intensamente seus desejos de interlocução. Possibilitam que a aprendizagem ocorra em múltiplos espaços, seja nos limites físicos das salas de aula e dos espaços escolares formais, seja nos espaços virtuais de aprendizagem. (KENSKI, 2008, p. 651-652).

Desta forma, o autor expõe a diversidade de ferramentas de comunicação existentes no ambiente educacional e, pela disposição proposta, já apresentam a necessária visão mais ampla, a fim de podermos correlacioná-las e vinculá-las aos processos educativos e, assim, pensarmos em tentativas possíveis de aproximação entre educação e comunicação e perceber as dificuldades apresentadas para o fortalecimento da relação entre educação e comunicação.

Lalli e Hernandez (2009, p. 443) nos oferecem alguns caminhos para pensarmos na relação entre as duas áreas, e propõem possíveis alternativas.

O educador aparece como um profissional inserido nesse contexto de mudanças que utiliza os meios de comunicação e a tecnologia da informação para proporcionar um ambiente de aprendizagem que vai além da aquisição dos conhecimentos escolares. Aproveita o interesse que a TV, a internet [...] já produziu no aluno e insere de maneira criativa, o conteúdo a ser aprendido e assimilado [...] sempre estimulando a criatividade e o trabalho em conjunto.

Dessa forma, observa-se a ligação entre o desenvolvimento prévio e alheio, ao ambiente educacional como explicitado na fala citada anteriormente. Somamos ao contexto as informações de P10 “*as práticas educacionais não estão restritas às salas de aulas da educação formal, mas incluem todos os esforços realizados pela sociedade [...]*”. Portanto, a correlação entre estas duas áreas – Comunicação e Educação – pode contribuir para a educação e para a construção de processos educativos emancipadores.

Pensar o alinhamento da mídia à Educação não pode se caracterizar por sentidos maniqueístas, mas é necessário considerar o desvelamento dos graus

de linguagem, averiguar qual a interferência dos meios na cultura e que tipo de alterações podem ocorrer nos níveis mais subjetivos e no desenvolvimento desta cultura. Todos esses fatores devem ser pesquisados e debatidos, pois se constituem como construtores de sentido tanto para os indivíduos e para o fato sociocultural quanto para as representações dos sujeitos em suas próprias dinâmicas ou, então, no contexto das questões sociais enquanto cultura.

Dessa forma, podemos considerar a mídia como mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2000) e a partir deste conceito fica evidente a necessidade de gerir e planejar o uso da mídia nos processos educacionais, além de entender o funcionamento da comunicação e dos seus processos, tendo em vista que essa interpretação coloca a mídia como instrumento que apresenta diferentes formas e é mediadora dos elementos comunicativos, que são os agentes constitutivos da cultura.

4.3 Alternativas oferecidas pela educomunicação

Transcrevemos, a seguir, excertos das manifestações dos participantes da pesquisa ao responderem a pergunta: Você sabe o que é educomunicação? Se sim, acredita que ela pode ser uma alternativa para formação de sujeitos mais autônomos?

QUADRO 3 - Percepções em relação a possíveis alternativas

Eu acredito que sim, porque hoje as tecnologias, mídias e novas eras estão surgindo e aí você consegue ter meios para desenvolver isso e não precisa ser de uma empresa, mas um autônomo consegue desenvolver uma mídia de um programa ou outras atividades que possa estar inserindo dentro da nossa educação. (P1)

Desconheço o termo. Ouvei falar, mas o significado eu desconheço. (P2)

Sim, acredito que é uma das formas de favorecer a autonomia intelectual dos estudantes, pois um tema sempre nos favorece a curiosidade e, na rede, a informação chega mais rápida e os contatos com os colegas são mais dinâmicos. (P3)

Desconheço o termo. Ouvei falar, mas o significado eu desconheço. (P5)

Não conheço. (P6)

Nunca ouve este termo. (P7)

Não conhecia o termo. (P9)

Sim eu conheço a educomunicação, inclusive a educomunicação está relacionada às formas de conhecimento e informações para desenvolver o senso crítico. As práticas educacionais não estão restritas às salas de aulas da educação formal, mas incluem todos os esforços realizados pela sociedade para aproximar os campos da cultura, da comunicação e da educação. (P10)

Fonte: O autor.

Antes de observarmos as alternativas oferecidas pela educomunicação como formação emancipadora, é necessário observar a definição colocada por Soares (2000, p. 24):

Definimos, assim, a educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos pólos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. A educomunicação, assim concebida, absorve seus fundamentos dos tradicionais campos da Educação, da comunicação e de outros campos das Ciências Sociais, superando, desta forma, as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis.

No caso particular da educomunicação, Soares deixa claro sua posição em relação às funções implícitas nesta terminologia, que são: gestar o desenvolvimento dos processos que envolvem a comunicação e a educação, pensar e planejar de que forma eles serão desenvolvidos em relação aos sujeitos e ao ambiente cultural no qual estão alocados. Observar alternativas nos leva a perceber a necessidade de formação adequada para que as possibilidades propostas pela educomunicação possam ser realidade e favorecer uma metodologia de ensino-aprendizagem emancipadora.

Uma formação voltada para a educomunicação pressupõe pensar a relação entre educação e comunicação a fim de relacionar áreas que, na prática, são muito próximas, mas que estão incomunicáveis nos processos reflexivos ou de planejamento dos sujeitos envolvidos, considerando que toda educação, como conhecemos, é compartimentada. Pensar a educomunicação toma traços ainda

mais relevantes quando consideramos o profissional da pedagogia, já que ele irá trabalhar no desenvolvimento dos processos educacionais e também como agente formador desde o início da vida acadêmica dos sujeitos.

Observando as colocações feitas entre educação e comunicação, percebemos que os docentes concebem a educomunicação como ferramenta ou então discorrem sobre a inserção da mídia na educação de forma fragmentada e não com um pensamento integrado no qual educar é educar. Os comentários de P7 “nunca ouvi este termo”, P2 “desconheço o termo. Ouvei falar, mas o significado eu desconheço”, P6 “Não conheço” e P9 “Não conhecia o termo”, permitiram perceber que tanto o termo quanto o conceito relacionado a ele são desconhecidos para muitos docentes, apesar do fato de alguns professores utilizarem instrumentos de comunicação e suas técnicas para ministrarem suas aulas. É evidente que o fato de entender essa relação gera possibilidades, quando, por exemplo, planejamos o desenvolvimento da comunicação, sem que sejam conhecidos o conceito de educomunicação e suas possibilidades para a sala, o pensamento racional e objetivo em relação a esse desenvolvimento fica impossibilitado.

No entanto o entrevistado que já teve a oportunidade de entender o conceito de educomunicação, utiliza expressões e opiniões que vão ao encontro da fala de Soares, corroborando positivamente ao oferecer alternativas para os docentes, proporcionando e apresentando a possibilidade de desenvolver a cultura emancipadora com base em processos educacionais conectados culturalmente. Permitindo, assim, o envolvimento de práticas educativas que antes tinham começo e fim dentro dos ambientes educacionais. Um exemplo elucidativo encontra-se na fala de P10:

Sim eu conheço a educomunicação, inclusive a educomunicação está relacionada às formas de conhecimento e informações para desenvolver o senso crítico. As práticas educacionais não estão restritas às salas de aulas da educação formal, mas incluem todos os esforços realizados pela sociedade para aproximar os campos da cultura, da comunicação e da educação.

Assim como o professor P10, a necessidade de conhecer e de obter uma formação adequada para a comunicação é notório, pois enquanto os professores não tiverem contato com as teorias que relacionam a comunicação e a educação, não conseguirão vislumbrar as alternativas apresentadas com base no

pensamento educacional. A visão dessas alternativas pode alinhar os objetivos com o desenvolvimento, para que juntos possam formar sujeitos livres e pensadores, questionadores da realidade na qual vivem e com menor predisposição para uma manipulação das massas.

Em sua abordagem, o eixo de indagação sobre o processo comunicacional se desloca e, ao invés de questionar o que os meios fazem com as pessoas, a preocupação está em saber o que as pessoas fazem dos meios. Por que usam e para que usam? Parte do princípio de que as necessidades das pessoas têm influência na forma como elas usam e respondem aos meios. A partir das suas motivações individuais, selecionam os canais e consomem os conteúdos que lhes interessam e, gratificam de alguma forma. (MENEZES, 2014, p. 128).

Portanto, a fala anterior, corroborada pela citação de Menezes, deixa explícita a necessidade de formação e de desenvolvimento, especialmente dos docentes para que seja compreendida a relação entre educação e comunicação, pois essa relação pressupõe a ação dos sujeitos envolvidos. Pensar os dois conceitos juntos, educação e comunicação, pode ser a reflexão necessária para que a educação se reflita na ação docente, viabilizando o desenvolvimento de pensamentos mais amplos.

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isso não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores. (FREIRE, 1987, p. 102).

Freire expõe a relação dialógica como essencial para a prática comunicativa. Pensar a educação como ciência formativa pode ampliar o desenvolvimento das relações dialógicas idealizadas por Freire, que propõem que todo o ambiente educacional se torne um ambiente educativo, em que os fatores sociais, intelectuais e culturais das duas partes (docentes e discentes) são debatidos, discutidos e refletidos os conteúdos programáticos são uma parte deste processo de criação, adicionados nesta profusão de saberes. Desta forma a educação e seus processos se desenvolvem de forma ampla, sem deixar espaço para que ocorra a segmentação a compartimentalização

Nesta abordagem metodológica, os sujeitos envolvidos terão espaço para conectar todos esses fatores, levando cada um, em sua individualidade, a

relacionar os saberes programáticos de cada matéria ministrada com todos os demais saberes.

4.4 Relação entre o docente e a mídia

Transcrevemos a seguir excertos das manifestações dos participantes da pesquisa ao responderem a pergunta: Como você se relaciona com as mídias?

QUADRO 4 - A relação entre o docente e a mídia

Perguntar para mim como eu me relaciono com as mídias, primeiro eu não consigo ficar sem elas porque a minha aula é interativa dentro da minha atividade que eu trabalho com arte na educação infantil e o lúdico na educação infantil eu não vejo como não ter essa ligação entre mídia e educação porque, através da mídia, consigo desenvolver programas ou de repente até uma aula interativa e fazendo com que essas crianças se prendam ao conhecimento prático e ao mesmo tempo ficam alegres, então você segura essas crianças de uma forma bem tranqüila, métodos antigos hoje aplicados não consigo ver isso como uma metodologia eficaz, porque as crianças estão mais avançadas do que 10 anos ou 20 anos atrás. (P1)

Acredita na atividade lúdica para a educação, de uma forma ela é inserida na educação, na forma de vídeo, hipertextos trabalhando de forma que o desenvolvimento educação se expanda cada vez mais (P1)

Bem, estou no caminho, tenho muito a andar, ainda não considero essa utilização como fator preponderante. (P3)

Procuro utilizar as mídias digitais disponíveis na universidade, bem como o ambiente virtual de aprendizagem. (P5)

Eu me relaciono bem, não faço uso intenso dentro das minhas aulas, apenas coloco alguns assuntos que possam ter me interessado durante algum jornal ou na revista nas minhas explicações. (P7)

Em todos os momentos. Utilizo para a prática docente a maioria das ferramentas da web 2.0. (P8)

Utilizo recursos midiáticos de maneira mais passiva. Alunos utilizam as mídias para analisar e emitir opinião e não como gerados de informação. (P9)

Quando apresento as imagens audiovisuais na sala de aula, ou ainda quando apresento as formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos estou trabalhando nesta linha. (P10)

Fonte: O autor.

Com o intuito de pensar os processos de comunicação como elementos de educomunicação nos quais a gestão dos processos assume um papel

importante, é necessário olhar para a midiatização de forma mais ampla. Assim, a mídia pode ser vista de dois pontos, do comum que está presente na vida de todos os sujeitos que integram a sociedade ou de um segundo ponto, observando a mídia de forma analítica, de modo que ela deixe de ser apenas mais um elemento que constitui o tráfego de informações ou mero entretenimento para ser compreendida como elemento de constituição, modificação e manipulação cultural.

O professor P1 *“acredita na atividade lúdica para a educação, de uma forma ela é inserida na educação, na forma de vídeo, hipertextos trabalhando de forma que o desenvolvimento educação se expanda cada vez mais”*. Segundo P10, *“quando apresento as imagens audiovisuais na sala de aula, ou ainda quando apresento as formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos estou trabalhando nesta linha”*. Isso porque a comunicação realmente ocorre a todo o momento, pois, como afirma Gómez, Citelli e Figaro (2009), ela começa e não tem fim.

Dessa forma, torna-se evidente que os processos comunicacionais iniciados em algum momento não param, apenas se modificam, de acordo com as demais interações de comunicação midiáticas que o sujeito estiver exposto, sendo por isso constituintes da cultura, porque modificam os significados e a maneira como os sujeitos pensam, reagem e interagem dentro da sociedade.

Considerando as colocações anteriores, podemos reforçar o entendimento acerca da importância do poder emancipador que a integração da comunicação e da educação possibilitam aos sujeitos. Conforme o professor P1:

Hoje, as tecnologias, mídias e novas eras estão surgindo e aí você consegue ter meios para desenvolver isso e não precisa ser de uma empresa mas um autônomo consegue desenvolver uma mídia de um programa ou outras atividades que possa estar inserindo dentro da nossa educação de uma forma bem descontraída.

Para P8, *“em todos os momentos. Utilizo para a prática docente a maioria das ferramentas da web 2.0”*.

Analisando os relatos, podemos afirmar que as mídias, com seu caráter híbrido e multifacetado, põem abaixo estas imagens que envolvem a maneira ideal, preconcebida, e generalizante do ensinar, que é confirmado segundo a ideia de Zanchetta Jr. (2007, p. 1466):

Há, por outro lado, pouca afinidade entre o perfil racional e linear proposto pelo universo pedagógico e o perfil sensorial e totalizante do contexto midiático. Historicamente preparados para operar a partir de trilhas didáticas, os professores têm dificuldade para lidar com um conjunto de estímulos fracionados e fugazes. O pragmatismo das ações escolares transforma-se em um dos obstáculos para um trabalho multifacetado como exigido para os meios de comunicação. (ZANCHETTA JR., 2007, p. 1466).

“Eu não vejo como não ter essa ligação entre mídia e educação porque através da mídia consigo desenvolver programas ou de repente até uma aula interativa” (P1). A fala do professor P1 vai ao encontro das considerações de Freire (1985), ao afirmar que não há possibilidade de se pensar sozinho, mas sim uma situação coletiva de pensamento na qual “nós pensamos”. Portanto, a intenção é que os alunos tenham a possibilidade de se tornarem sujeitos autônomos, sentirem-se preparados para opinar, para agir ativamente e não passivamente, aceitando a realidade institucionalizada e predefinida. Essa é uma mudança no olhar sobre a prática da pedagogia, é uma mudança em direção ao diálogo.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. (FREIRE, 1996, p. 38).

A produção de significado a partir da comunicação é justamente pensar a relação do sujeito com a mídia. Essa relação tem função dentro da escola, por meio do desenvolvimento do pensamento dialógico, que é o pensamento mais correto na visão de Freire. Pensar dialogicamente apresenta a oportunidade de ampliar o poder de interpretação de todos os sujeitos envolvidos no processo dialógico educativo, mediante a possibilidade de ressignificar a maneira como interpretamos o nosso dia a dia e todos os seus significados.

Ampliar esse olhar é a chance de pensarmos em relações formativas que buscam a compreensão de conteúdos programáticos que não sejam óbvios e predefinidos, mas sim que promovam a presença real e criativa do sujeito no mundo. De forma que esse sujeito, por meio da observação e interpretação, passa a compreender a sua realidade desenvolvendo criativamente uma ferramenta única e exclusiva para modificar o seu contexto baseado no que entendeu e aprendeu para ressignificar a sua realidade.

4.5 Relação entre a mídia e a prática docente

Transcrevemos excertos das manifestações dos participantes da pesquisa ao responderem a pergunta: Você insere a mídia na sua prática docente?

QUADRO 5 - Observações sobre a relação entre a mídia e a prática docente

É claro que eu insiro por necessidade, por ter, nós estamos caminhando pelo século XXI, esta aí na porta, dando oportunidade de várias janelas, vários seguimentos dentro de uma metodologia de aprendizado, então eu tenho que ter e todos meus alunos do curso de Pedagogia vejam que existe vibração por algo novo. (P1)

No uso de equipamentos tecnológicos que viabilizem esse trabalho e no uso de recursos do ambiente virtual de aprendizagem. (P2)

Não. (P4)

Uso vídeos do youtube e artigos de revistas ou jornais, acho que dessa forma consigo manter a formalidade e ao mesmo tempo ter aulas mais dinâmicas. (P7)

O uso de vídeos e a estratégia de apresentação e inserção de Objetos Educacionais em minhas aulas são práticas frequentes, que tem como eixo central o estabelecimento de uma comunicação dos discentes com as tecnologias e mídias, não no sentido passivo, em que a tecnologia é utilizada somente para finalidades como passar slides, mas no sentido ativo, em que aprendem a pesquisar esses objetos em repositórios educacionais digitais e como incorporá-los em planos de aulas ou outras estratégias. (P8)

Sim, para este semestre, criei o projeto de alunos tornarem-se geradores de notícias que serão divulgadas no site da faculdade. (P9)

Sim, através do uso de filmes e vídeos. (P10)

Fonte: O autor.

Durante as entrevistas, foi possível perceber algumas práticas relacionadas à presença da mídia e da comunicação. É possível observar que as tentativas de desenvolver a relação entre as mídias e a prática docente estavam presentes em diversas falas, mesmo que essa prática fosse resumida a relações mais fortes com a tecnologia do que a comunicação.

Quando os professores fazem suas colocações em relação à sua prática, fica evidente o desconhecimento do conceito de educomunicação, como já foi comentado no item 4.3 que discorre sobre as alternativas oferecidas pela educomunicação. Dessa forma, é possível observar a tentativa de entender e tentar inserir na sala de aula tanto a mídia quanto os novos processos de comunicação, como notamos na fala do professor P8:

O uso de vídeos e a estratégia de apresentação e inserção de Objetos Educacionais em minhas aulas são práticas frequentes, que tem como eixo central o estabelecimento de uma comunicação dos discentes com as tecnologias e mídias, não no sentido passivo, em que a tecnologia é utilizada somente para finalidades como passar slides, mas no sentido ativo, em que aprendem a pesquisar esses objetos em repositórios educacionais digitais e como incorporá-los em planos de aulas ou outras estratégias.

Podemos notar que a tecnologia é colocada de forma abstrata na tentativa de teorizar sobre algumas ferramentas tecnológicas, as mesmas utilizadas em sua prática diária.

Fica evidente que apresentar a mídia no desenvolvimento das funções inerentes à docência e participar destes processos faz parte da constituição da imagem que o sujeito possui sobre como o docente deve ser e interfere diretamente na percepção do grupo em relação às práticas adotadas. Observar esses pontos nos ajuda a obter caminhos para pensar a educomunicação e a presença da mídia na prática docente e, como consequência, também no desenvolvimento e formação de sujeitos com visão emancipada em relação à mídia de massa e aos processos comunicacionais, como assinala Messias (2009, p. 5):

[...] O que vemos, atualmente, é uma sociedade global com nova identidade em constituição. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação tem no fator relacionamento inter-pessoal sua força maior na consolidação do sujeito pós-moderno, que abre-se ainda mais às relações inter e multiculturais que o homem moderno, porém fecha-se na escravidão à técnica, tornando-se egoísta pela competição do conhecimento.

Pensar a relação e a inserção da mídia dentro do ambiente educacional é justamente olhar para as relações e questionar a forma como elas acontecem. Resgatando o propósito máximo deste trabalho que é refletir acerca das relações, assim também deveria acontecer em relação aos processos midiáticos ou comunicacionais para cada docente em sua prática diária.

Observamos claramente, nas entrevistas, as considerações de Messias (2009, p. 5): “fecha-se na escravidão à técnica, tornando-se egoísta pela competição do conhecimento”, forçando os sujeitos envolvidos no processo a materializar, quantificar e qualificar o “conhecimento” ou, de forma mais objetiva, a informação por si só.

Isolando algumas falas, podemos observar de forma evidente estas constatações:

É claro que eu insiro por necessidade, por ter, nós estamos caminhando pelo século XXI, esta aí na porta, dando oportunidade de várias janelas, vários seguimentos dentro de uma metodologia de aprendizado, então eu tenho que ter e todos meus alunos do curso de Pedagogia vejam que existe vibração por algo novo. (P1)

Na fala do professor P1 está explícito que a suposição do trabalho com a mídia dentro da sala de aula tem relação direta com a tecnologia, o novo e suas relações. Outras colocações que relacionam a comunicação com a tecnologia, de alguma forma, serão observadas em diversas respostas como a do professor P8, mencionada anteriormente. A última colocação do professor P8 inicia-se com uma tentativa sofista de colocar as ferramentas tecnológicas em posição de abstração, e prossegue com menções que indicam a utilização da tecnologia de forma exclusiva, mas quando integrada à pesquisa, passa a ser utilizada de forma ativa. A esse respeito, Zanchetta Jr. (2007, p. 1457) argumenta que “as condições da vida ocidental teriam diluído o papel da família, da escola e do trabalho, expondo os indivíduos à ação da mídia [...]”.

Portanto, observar a relação da prática profissional do docente em relação à mídia vai um pouco além da prática, pois é necessário observar as razões de sua utilização. Considerando essas razões, podemos notar quatro categorias no tocante ao uso da mídia na prática docente, a saber:

- 1) Quando observa a mídia como ferramenta, utilizando-a por meio de apresentações com slides ou de equipamentos eletrônicos, digitais ou analógicos, como podemos observar na fala de P7 “*uso vídeos do Youtube e artigos de revistas ou jornais, acho que dessa forma consigo manter a formalidade e ao mesmo tempo ter aulas mais dinâmicas*”. Nota-se que os elementos midiáticos foram utilizados como entretenimento e não como agentes emancipadores para participantes ativos no processo educativo. Pela análise da fala, fica claro que o conteúdo fragmentado e compartimentado é planejado e aplicado, e os elementos resultantes desta comunicação são desconexos e multidisciplinares, além de não serem colocados de forma organizada no desenvolvimento dos planos de ensino.
- 2) Quando a mídia é vista como instrumento de produção intelectual e é inserida diretamente dentro do ambiente educacional, na tentativa

de atualizar os discentes e de criar uma relação entre o material midiático e os conteúdos científicos predeterminados pelo plano de curso e pelos planos de aula. Um exemplo encontra-se na fala do professor P9: *“sim, para este semestre, criei o projeto de alunos tornarem-se geradores de notícias que serão divulgadas no site da faculdade”*. Este professor utiliza a comunicação midiática para tornar os discentes parte integrante e desenvolvedores ativos no processo de ensino-aprendizagem.

- 3) Quando a mídia é percebida e trabalhada em sala de aula não como um objeto mas como algo subjetivo, não mensurável, considerando a influência e o desenvolvimento da relação discente-mídia e não somente dentro dos ambientes das instituições de ensino. Neste contexto, o trabalho relativo à comunicação é fruto do entendimento da presença da comunicação midiática na construção da cultura escolar e a compreensão deste fato pelo discente resulta na produção de uma educação comunicativa, que considera os sujeitos presentes como indivíduos que comunicam, desse modo, cada comunicação acontece em um nível de representação daquela realidade.
- 4) A mídia é ignorada, desconsiderando sua influência e sua contribuição para a cultura, condenando essas relações.

Assim foram apresentadas e percebidas as relações entre mídia e prática docente. Existe uma nova identidade em construção, o que possibilita que movimentos heterogêneos sejam iniciados em busca da criação de uma nova percepção da realidade educacional e comunicacional desta sociedade.

Analisando as respostas dos professores do curso de Pedagogia, foi possível percebermos a presença da mídia tanto na sua vida pessoal quanto no seu cotidiano de trabalho, como podemos verificar na fala de P1: *“perguntar para mim como eu me relaciono com as mídias, primeiro eu não consigo ficar sem elas porque a minha aula é interativa”*. Este discurso corrobora com as ideias difundidas por Bakhtin e Volochinov (1995) que enfatizam que a presença das mídias em nossas vidas é uma realidade com a qual nos deparamos diariamente, e que contribuem para a refração da cultura e acabam por se integrar e modificar a maneira de compreender e, talvez, de agir no mundo contemporâneo.

Notamos, ainda, na fala dos professores, a importância da relação mídia e cultura escolar, especialmente quando uma é geradora da outra tanto a mídia contribui para a constituição da cultura escolar quanto a cultura escolar influencia na percepção da comunicação midiática. Quando Messias (2009) menciona que atualmente a sociedade global vive uma nova identidade em constituição, ele considera o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação e a importância dos aspectos anteriores no desenvolvimento do sujeito pós-moderno.

4.6 Buscando uma conclusão da análise

A análise dos dados permitiu-nos observar diversos pontos convergentes entre a realidade e os pensamentos apresentados pelos autores citados para cada uma das cinco categorias analisadas: percepção de possíveis relações entre comunicação midiática e educação; tentativas de desenvolvimento da relação educação e comunicação; alternativas oferecidas pela educomunicação; relação entre docente e mídia; relação entre a mídia e a prática docente.

Foi possível percebermos que a comunicação midiática se apresenta de forma nebulosa para a maioria dos docentes entrevistados, pois ainda não existe uma ideia clara do que ela representa, qual é a sua influência ou seu papel dentro da sala de aula ou, então, quais são as possibilidades de uma interação. Desta forma, vale lembrar Soares (2011, p. 7) ao apontar que diferentes relações da mídia com o ambiente escolar revelam que os professores:

- Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola e ignoram a diversidade das realidades sociais e culturais;
- Ou bem introduzem os meios na escola e servem-se deles para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se, contudo, de trabalhar sobre os meios e suas mensagens.
- Ou bem ainda, criam cursos especializados de “educação para os meios”, sem que nada mude no conjunto das outras práticas escolares.

Esse conjunto de realidades apresentado pelo autor é factível quando relacionado com as respostas coletadas nas entrevistas, evidenciando a necessidade de refletir para poder chegar à relação entre a educação e a comunicação, nesse caso em especial a midiática.

Quando procuramos tentativas de desenvolvimento de uma relação entre os sujeitos entrevistados e a mídia, pudemos perceber de forma clara que a interpretação em relação ao real significado de “mídia”, segundo a percepção de uma parte relevante dos entrevistados, foi apresentada com fortes características tecnológicas e pouco humanizadoras.

Toda tentativa exposta se apresenta nos campos citados, de modo que ou são extremamente materiais ou têm como base o uso da tecnologia. Foi explicitada a necessidade de ampliar a visão com a finalidade de desenvolver novas tentativas de relacionar a comunicação com a educação. Esse olhar mais amplo pressupõe as características intangíveis da comunicação midiaticizada e não só suas características tecnológicas.

Lembrando novamente dos estudos de Kenski (2008, p. 663): “O sentido da relação educação-comunicação vai além das possibilidades oferecidas pelas mídias contemporâneas e os níveis segmentados dos sistemas educacionais atuais”. Esta seria uma maneira de obtermos o “sentido” materializado por meio do diálogo.

Quando o tema do questionamento foi educomunicação pudemos perceber que a questão dialógica proposta por Freire pode ser apresentada como uma possibilidade, considerando que muitos entrevistados não sabiam o que era ou qual é o conceito de educomunicação. No caso de respostas positivas, é possível o questionamento sobre a educomunicação ser uma alternativa para processos educativos mais emancipadores. Notamos a necessidade da existência de formação para o docente com a finalidade de desenvolver essa relação educação-comunicação, pois nota-se que, quando o termo educomunicação é bem compreendido, apresenta características presentes no desenvolvimento do pensamento dialógico de Freire, portanto, esta seria uma opção viável para a emancipação do pensamento.

Em todas as etapas da descodificação estarão os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1985, p. 115).

Ao levantar considerações sobre a relação do profissional com a mídia e como esta é inserida em sua prática docente é evidente que um fator tem influência sobre o outro, pois, ao refletirmos sobre a maneira como o relacionamento é apresentado, podemos notar que, quando o profissional vai fazer a inserção durante a prática da docência, esta é influenciada; e é possível perceber alguns padrões, nos quais os profissionais consideram a mídia como ferramenta tecnológica de transmissão de informações, ou como um instrumento de produção intelectual, ou ainda existe a percepção da sala de aula como uma ação comunicacional subjetiva. Em última análise, notamos, também, que existem casos nos quais este relacionamento é completamente ignorado.

Em síntese, a imagem que os professores têm das mídias e da comunicação transformam-nas em objetos relevantes, que fazem parte e têm papel no ambiente escolar. No entanto, a valoração não permite que as mídias alcancem o *status* do ensino programático, transformando a ação das mídias e da comunicação em papel secundário, não havendo a necessidade de debate ou de discussão em relação ao seu desenvolvimento ou funcionamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos estas considerações com a retomada dos objetivos, a fim de que possamos observar os resultados de forma arquitetada. Como objetivo geral, propusemo-nos a refletir acerca da imagem das mídias e da relação entre Comunicação e Educação dos docentes do Ensino Superior, neste caso específico, no curso de Pedagogia de uma Universidade privada do interior do estado de São Paulo. O objetivo proposto foi analisar a relação do professor com as mídias e qual o seu conceito em relação a presença da comunicação midiática na docência, observar de que forma a comunicação midiática se apresenta na cultura escolar e que tipo de influência ela tem. Também fez parte da proposta, levar em consideração o grau de conhecimento, fornecido pelos entrevistados, em relação a educomunicação, se o conceito é familiar ou não e, quando conhece o conceito, como o termo é entendido pelo docente e de que forma a educomunicação se apresenta na vida do professorado. Buscamos, também, compreender se esse professor do curso de Pedagogia já executou alguma tentativa de unir a educação e a comunicação e, por fim, identificar se existe o pensamento em relação à educomunicação como um instrumento que possibilita o desenvolvimento de sujeitos autônomos. É esse pensamento que constituiu os objetivos específicos:

- Investigar a importância para a cultura escolar da relação entre os campos da Comunicação e da Educação.
- Resgatar as principais tentativas desta relação da Educação com a Comunicação.
- Analisar alternativas oferecidas pela educomunicação.
- Identificar a relação do docente com as mídias.
- Analisar a relação existente entre a mídia e a prática docente.

Foi oportuno observar e entrevistar sujeitos que têm posse das teorias da educação, ensinam e fazem uso prático da comunicação diariamente em suas funções. Considerando essas colocações, é possível dizer que a escolha dos sujeitos foi de extrema importância para o cumprimento dos objetivos propostos.

A aplicação do questionário favoreceu a percepção da importância para a cultura escolar da relação entre os campos da Comunicação e da Educação.

Permitiu observar, ainda, de que forma a comunicação está presente na cultura escolar, e como ela atua quando se relaciona com a educação. Assim, foi possível notar que o olhar conjunto, interligando e se comunicando com as várias instâncias socioculturais, cada uma delas se transforma em parte essencial e vital ao entendimento e percepção sociocultural dos sujeitos.

Também foi possível resgatar as principais tentativas da relação entre educação e comunicação, pois notamos que, embora não estivessem intrinsecamente ligadas ou não de forma explícita e apesar das práticas serem realizadas de forma aleatória, os professores já desenvolvem a prática comunicacional integrada à educação. Não é possível chamar essa junção observada nas entrevistas de educomunicação, já que o conceito pressupõe planejamento e conhecimento prévio da prática comunicacional, mas apesar de não ser óbvio para os sujeitos envolvidos, ela já acontece de alguma forma na prática da docência e essas tentativas podem auxiliar na compreensão do funcionamento da educomunicação em uma pesquisa posterior.

Emancipador foi a palavra que ganhou relevância ao buscarmos alcançar o objetivo específico que analisa as alternativas apresentadas pela educomunicação. Quando o docente tem a possibilidade de entender e relacionar a comunicação e a educação, a percepção acerca da realidade é ampliada, uma vez que significados até então ocultos são apresentados. Esses significados eram desconsiderados no desenvolvimento da prática educativa do pensamento fragmentado que exclui ao invés de incluir. O saber compartimentado, institucionalizado pelos sistemas educacionais, se apresenta deficiente considerando que a comunicação é relacional, e não estática ou limitada, então, uma alternativa ao pensamento fragmentado e uma possibilidade de fusão entre a educação e a comunicação é a educomunicação.

Ao pensarmos a relação do docente com a mídia, notamos duas possibilidades: na primeira o sujeito é expectador da mídia, observando-a de um lugar comum. Neste caso as dificuldades de colocar a mídia na prática docente apresenta maiores dificuldades considerando que esta será utilizada de forma pragmática ou materializada e não como objeto de reflexão. No segundo caso, o docente compreende a mídia, como ela funciona e a partir da posse desse conhecimento faz uso deste saber em algum ambiente educativo de forma efetiva e emancipadora.

Ao analisar a relação existente entre a mídia e a prática docente, é necessário observar o comportamento e a interpretação do docente quando se relaciona com a mídia para que a compreensão em relação à educomunicação possa se ampliar e para que seja compreendido que a comunicação não trata somente dos elementos que a compõem e que estão presentes no ambiente escolar.

Foi possível observar quatro situações nas quais a mídia é utilizada pelos sujeitos: Ela é vista como ferramenta e seu uso é exclusivamente instrumental; é utilizada como instrumento de produção intelectual; é utilizada em sala de aula como instrumento subjetivo repleto de significado; é completamente ignorada. Considerando esses fatores, foi possível considerar que a utilização das mídias em sala de aula não segue um padrão ou um pensamento predefinido, mas o emprego das experiências práticas de relacionamento do sujeito com a própria mídia molda como ele fará uso de forma profissional, dentro do contexto escolar e em suas práticas didático-pedagógicas.

Como os objetivos específicos definem o objetivo geral de forma fragmentada, e tendo em vista que estes foram atingidos, como mostrado acima, podemos inferir que o objetivo deste trabalho, que é refletir acerca das imagens das mídias e a relação entre educação e comunicação, foi alcançado.

Durante o desenvolvimento, ficou evidente que a comunicação é parte integrante do processo educacional e nos dias atuais fica ainda mais presente a comunicação mediada pelas tecnologias da informação e comunicação. No entanto, a subjetividade necessária para o desenvolvimento da leitura emancipadora do mundo não está efetivamente presente, abrindo precedente para um novo e grande passo em direção ao desenvolvimento da comunicação dentro dos ambientes educacionais.

Entender como preparar os docentes participantes dos processos educacionais e, portanto, sujeitos necessários para o desenvolvimento da relação educação e comunicação (educomunicação), deixa espaço para novas pesquisas tendo em vista que a resposta não ficou suficientemente clara, considerando que formações específicas não resolveriam o problema apresentado quando observado por um panorama mais amplo, além disso, a percepção em relação a essa relação como ambiente para o desenvolvimento da educação parece um pouco nebulosa quando tratamos de conceitos.

Esse trabalho foi inspirador quando considerada a possibilidade de observar os sujeitos em desenvolvimento, como eles interagem, como a comunicação pode auxiliá-los no desenvolvimento educacional e como podemos nos emancipar por compreender, por desvelar os significados. É inspirador porque, apesar de se encerrar aqui, ele continua constante e eternamente na subjetividade do autor e na de todos aqueles que tiverem acesso a esse trabalho.

Ao buscar continuamente alcançar os objetivos propostos na pesquisa, salientamos que este trabalho não pretende esgotar o tema e representa apenas uma pequena parte do universo educacional e comunicacional no qual nos envolvemos. Assim, esperamos contribuir para o desenvolvimento de outras investigações que possam explicitar as relações entre comunicação, educação e mídia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CABRAL FILHO, A. V. As bestas do Apocalipse: a teoria adorniana da indústria cultural. In: SOUZA, R. M. V.; MELO, J. M.; MORAIS, O. J. (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: Intercom, 2014. v. 14, p. 55-74.
- CALLEJA, J. M. R. Os professores deste século. Algumas reflexões. **Investigación, Biodiversidad y Desarrollo**, v. 27, n. 1, p. 109-117, 2008. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2705047.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2014.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. D. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2015.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOIDANICH, M. E. Mídia, Cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos?. In: BELLONI, M. L. (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 73-94.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, F. P.; ARAUJO, R. M. Pesquisa quanti-qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO – SEMEAD, 8., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2005. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2014.

GÓMEZ, G. O.; CITELLI, A.; FIGARO, R. Educação mediática ressalta o potencial de expressão dialógica das tecnologias. **Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 117-129, out. 2009.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: Interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0229104.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

LAKATOS, E. M. **Metodologia de trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LALLI, S. J. T.; HERNANDES, M. L. Q. G. 2009. **Educomunicador**: educação, comunicação e tecnologia na formação do cidadão. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/ anuic/article/viewFile/552/485>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

LAVILLE, C. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIBÂNEO, J. C. Identidade da pedagogia e a identidade do pedagogo. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANES, S. G. C. (Orgs.). **Formação da pedagoga e do pedagogo**: pressupostos e perspectivas. Marília: Oficina Universitária, 2012. p. 11-34.

MARTÍN-BARBERO, J. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXIII, n. 1, p. 151-163 jan.-jun. 2000.

MENEZES, G. B. Usos e gratificações - Uma revisita à Teoria que deu um novo impulso aos estudos de recepção. In: SOUZA, R. M. V.; MELO, J. M.; MORAIS, O. J. (Orgs.) **Teorias da comunicação**: Correntes de pensamento e metodologias de ensino. São Paulo: INTERCOM, 2014. p.127-151.

MESSIAS, C. Novas tecnologias, culturas, comunicação e educação. Nova Educomunicação?. In: CELACOM, 12., 2009, Marília, SP. **Anais...** Marília, SP: Endicom (UMESP), 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1 Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Claudio_Novas.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2014.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Disponível em: <http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2015.

MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 70, p. 57-69, abr./jun. 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PERLES, J. B. **Comunicação**: conceitos, fundamentos e história, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

RANCIÈRE, J. **O Mestre ignorante**. A formação na sociedade do espetáculo. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHWARTZMAN, S. Os desafios da educação no Brasil. In: SCHWARTZMAN, S.; BROCK, C. (Orgs.). **Os desafios da educação no Brasil**. Tradução de Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 9-52. Disponível em: <<https://archive.org/stream/OsDesafiosDaEducacaoNoBrasil2005/2005desafios#page/n1/mode/2up>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SOARES, I. O. Alfabetização e educomunicação: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. **NCEUSP**, p. 1-14, 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Uma educomunicação para cidadania. **NCEUSP**, p. 1-14. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

SOARES, I. O. Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social o caso dos Estados Unidos. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-80, 2000. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v2n2/eccosv2n2_ismardeoliveira.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

TRINDADE, L. **O educador no ensino da leitura da publicidade televisiva**. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente – SP, 2007.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

ZANCHETTA JR, J. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000400010>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Comunicação e Educação: Reflexões iniciais sobre a convergência destes campos na formação de professores.”

Nome do (a) Pesquisador (a): Prof. Leonardo Ribelatto Lepre

Nome do (a) Orientador (a): Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz

Caro(a) professor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da “Comunicação e Educação: Reflexões iniciais sobre a convergência destes campos na formação de professores.”. Essa pesquisa objetiva analisar as relações entre a comunicação e a educação no curso de Pedagogia.

Para a coleta de dados, os participantes da pesquisa serão entrevistados acerca da percepção dos campos da comunicação e educação e a relação com a formação docente.

Os resultados, assim obtidos, serão analisados e relatados em dissertação de mestrado em Educação, posteriormente divulgados em eventos científicos e por meio de publicações em periódicos da área de educação. Os nomes dos participantes da pesquisa serão mantidos sob rigoroso sigilo.

Sua participação consiste em contribuição espontânea para a pesquisa educacional, sem despesas e sem remuneração. Esclarecemos, também, que a qualquer momento, você poderá desistir de participar.

Local e data:

Leonardo Ribelatto Lepre

Mestrando em Educação da Unoeste

Manifestação do(a) convidado(a):

Sinto-me suficientemente esclarecido e aceito participar da pesquisa “Comunicação e Educação: Reflexões iniciais sobre a convergência destes campos na formação de professores.”

Local e data:

Dados sobre responsáveis pela pesquisa:

Adriano Rodrigues Ruiz – professor do Mestrado em Educação da Unoeste, telefone (44) 3228 8556, e-mail: arruiz@uol.com.br;

Leonardo Ribelatto Lepre – Mestrando em Educação da Unoeste, telefone (18) 3908-1547, e-mail: email@leolepre.com.br

Comitê de Ética na Pesquisa – Unoeste

Telefone: (18) 3229 2077

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS PROFESSORES

- 1- Você percebe alguma relação entre comunicação midiática e educação?
- 2- Na sua visão, a relação entre Mídia e Educação reflete na cultura escolar?
- 3- Você tem lembranças de alguma tentativa de relacionar comunicação e educação?
- 4- Você sabe o que é educomunicação? Se sim, acredita que ela pode ser uma alternativa para formação de sujeitos mais autônomos?
- 5- Como você se relaciona com as mídias?
- 6- Você insere a mídia na sua prática docente?